

MANUAL DE MANEIO: OVINOS E CAPRINOS

1. ÍNDICE
2. PROJECTO CAJADO
3. O PASTOR
4. INTRODUÇÃO ÀS PRÁTICAS DE MANEIO COM OVINOS E CAPRINOS
5. NORMAS PRÁTICAS DE MANEIO
6. PARQUES DE MANEIO E MANGAS – SUA UTILIZAÇÃO PELOS OVINOS
7. AVALIAÇÃO DO ESTADO GERAL – EM OVINOS
8. IMOBILIZAÇÃO E CONTENÇÃO – EM OVINOS ADULTOS
9. IDENTIFICAÇÃO POR TATUAGEM – EM OVINOS
10. IDENTIFICAÇÃO POR BRINCAGEM – EM OVINOS
11. CORTE DE CASCOS – EM OVINOS
12. CORTE DE CAUDAS EM BORREGOS
13. CONTROLO DA PEEIRA – EM OVINOS E CAPRINOS
14. O PARTO EM PEQUENOS RUMINANTES
15. ADOÇÃO DE ÓRFÃOS – CABRITOS E BORREGOS
16. ALEITAMENTO ARTIFICIAL DE BORREGOS E CABRITOS
17. O COLOSTRO
18. RAÇA DE CAPRINOS – BRAVIA
19. RAÇA DE CAPRINOS – SERRANA
20. RAÇA DE OVINOS – CHURRA DA TERRA QUENTE
21. PRODUTOS COM NOMES PROTEGIDOS – CONCEITOS E DEFINIÇÕES
22. APRESENTAÇÃO DOS RESULTADOS POR PRODUTO OVINO E CAPRINO
COM NOME PROTEGIDO (2001)
23. LIVRO DE REGISTOS DE EXISTÊNCIAS E DESLOCAÇÕES DE OVINOS E
CAPRINOS

24. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

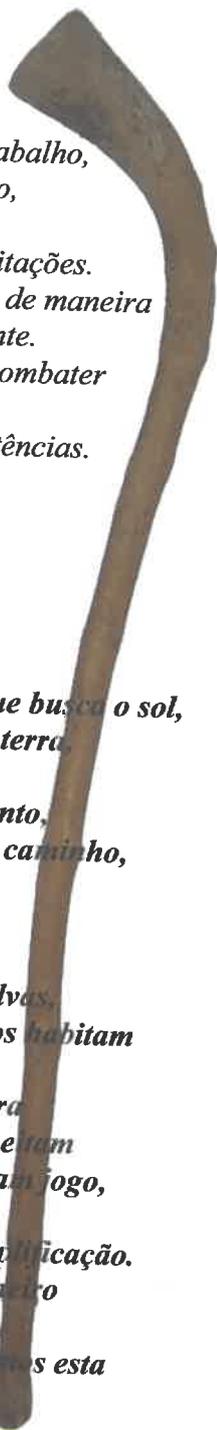
PROJECTO CAJADO

CAJADO

*Instrumento de trabalho,
que serve de apoio,
para ultrapassar
dificuldades e limitações.
Ajuda a caminhar de maneira
mais fácil e eficiente.
O CAJADO visa combater
injustiças,
conferindo competências.*

Cajado

*Caule rectilíneo que busca o sol,
raiz retorcida pela terra.
Pau seco,
endurecido pelo vento,
que nos apoia pelo caminho,
nos conduz,
nos defende,
dos lobos na serra,
dos espinhos nas silvas,
dos espíritos que nos habitam
nas horas tristes.
Instrumento de regra
que os animais respeitam
e os homens tornaram jogo,
simbólico ou não,
na sua ânsia de simplificação.
O cajado é companheiro
de todas as horas,
com o qual partilhámos esta
vida que é a nossa*



OBJECTIVOS

Dignificar o pastor

- Combater a exclusão dos pastores e da sua actividade
- Divulgar e cativar os jovens para a actividade

Valorizar a profissão

- Fornecer aos pastores instrumentos de informação actualizados
- Desenvolver metodologias de formação e autoformação

PÚBLICO-ALVO

- Pastores e Pastoras
- Comunidades e Organizações locais
- Candidatos(as) a Pastores e Pastoras

ACTIVIDADES

Acção 1

1. Diagnóstico de necessidades
2. Ajustamento do projecto aos resultados do diagnóstico
3. Consolidação das parcerias nacionais e transnacionais

Acção 2

- 1 Concepção de um filme para divulgação e valorização da actividade de pastorícia
- 2 Elaboração de um livro relacionado com a actividade pastoril
- 3 Manual de Maneio do Rebanho
- 4 CD interactivo de autoformação e autoavaliação e website
- 5 Acção de formação "Maneio de ovinos e caprinos"
- 6 Acção de formação "Comercialização"
- 7 Acção de divulgação
- 8 Acção de formação "Rotas turísticas"
- 9 Seminários:
Controlo e Sanidade de Pequenos Ruminantes em Trás-os-Montes (UTAD, Setembro 2003)
Produção Ovina e Caprina em Trás-os-Montes_ Os Desafios da Qualidade (UTAD, Outubro 2004).
- 10 Acção de formação "Fabrico de Queijo Artesanal "
- 11 Transnacionalidade
- 12 Rede Temática de Desenvolvimento Rural

Acção 3

1. Disseminação dos produtos do projecto

PARCERIA DE DESENVOLVIMENTO



Instituto de Trás-os-Montes para a Investigação e Desenvolvimento Agro-Industrial

- o Ed. Bela Vista, R. D. Pedro de Castro, Ent. 1-1º - Escrit. 3 e 4.
- o 5000-669 VILA REAL
- o Telefone: 259338853
- o Fax: 259325706
- o E-Mail: alexandramascarenhas@sapo.pt
- o *Maria Alexandra Dias Mascarenhas Azevedo*



Universidade de Trás-os-Montes e Alto

Douro

- o Quinta de Prados, Apt. 1013
- o 5000-911 VILA REAL
- o Telefone: 259350416
- o Fax: 259350480
- o E-Mail: jazevedo@utad.pt
- o *Jorge Manuel Teixeira Azevedo*



Associação dos Pastores Transmontanos

- o Rua Marechal Teixeira Rebelo,
- o Prédio dos Quinchosos, loja T
- o 5000-525 VILA REAL
- o Telefone: 259348152
- o E-Mail: cnavreal@sapo.pt
- o *Maria Alberta Gonçalves Santos*



Associação Portuguesa dos Engenheiros

Zootécnicos

- o Apartado 60
- o 5000-909 VILA REAL
- o Telefone: 259325261
- o Fax: 259325261
- o E-Mail: apezzn@utad.pt
- o *Sandra Maria Rosa Sacoto*

O PASTOR



"Toda a vida fui pastor
Toda a vida guardei gado
Tenho uma nódoa no peito
De me encostar ao cajado"
Cantores populares

O Pastor é uma pessoa como qualquer outra, ele aprendeu a ser pastor com o pai, ou com outra pessoa de família, iniciando esta actividade muito cedo: "...o meu pai era pastor e então eu comecei a andar com as ovelhas, atingi os sete anos, o meu pai não me deixava ir para a escola pois eu fazia-lhe falta."

As ovelhas e as cabras conhecem-no e chama-as pelos seus nomes, mantendo uma ligação afectiva com todas elas

Para as conduzir, basta uns assobios, umas pedras certas às amigas do alheio, um falar às tresmalhadas,
 "ÉOH....ÉOH....andai cá andai... elas conhecem o meu falar ", alguns gestos com o cajado e os cães fazem o resto.

O canivete anda sempre no bolso, é indispensável para comer e para os trabalhos de artesanato, "...Eu tenho artesanato! ai pois tenho, olhe além garrafas feitas por

mim, ainda tenho mais coisas...". Nas horas de lazer os pastores com o canivete, distraem-se e recriam o espírito. Fazem pífaros e flautas de sabugueiro e de cana, garfos, colheres, ganchos de madeira ou de osso, estatuetas, cabos para a ferramenta e outros objectos de uso comum.

O pastoreio é feito no Outono e no Inverno entre as 8 horas e o pôr do Sol e na Primavera e no Verão os rebanhos saem das 5 às 10 horas e das 17 às 24 horas, levando o seu gado o pastor sobretudo para terras arrendadas e baldios. O percurso utilizado varia com a oscilação da oferta alimentar ao longo do ano. Sem fins-de-semana, feriados e férias. "Todos os dias, faça sol, faça frio é sempre, sempre este ritmo...e é assim a vida de pastor"

"...enquanto Deus Nosso Senhor não me tirar as forças não há ninguém que me tire do monte."





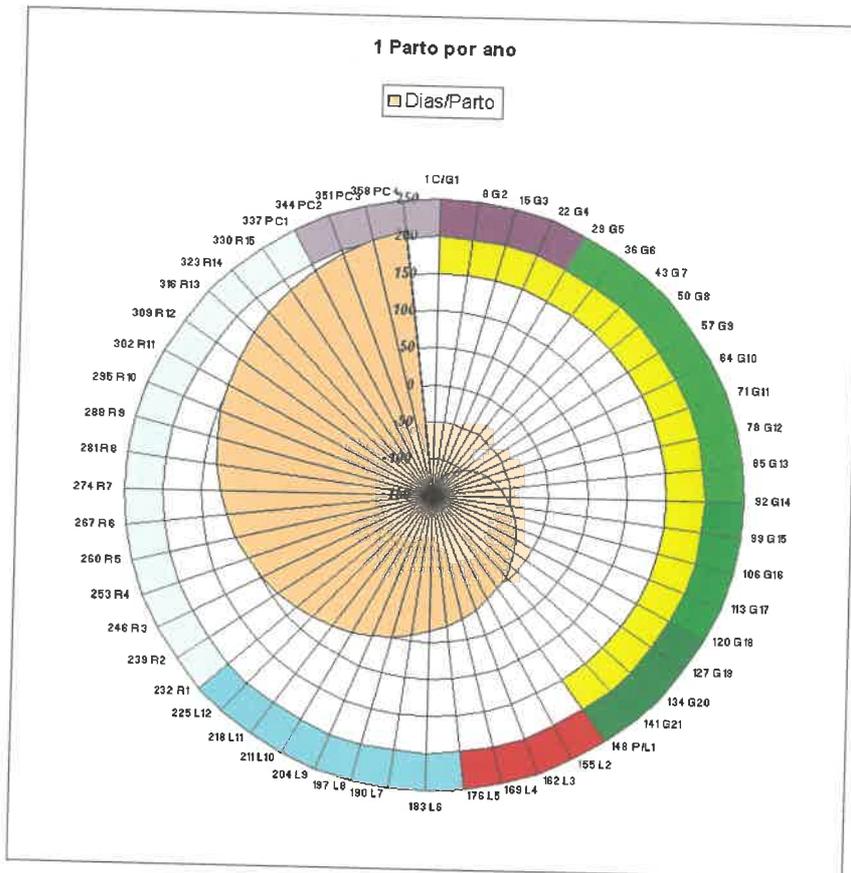
INTRODUÇÃO ÀS PRÁTICAS DE MANEIO COM OVINOS E CAPRINOS

- O desenrolar da formação que envolve as **práticas de manejo com ovinos e caprinos**, evoluiu, ao longo dos anos, em função da experiência pedagógica, de extensão, de investigação e de produtor, dos docentes envolvidos, bem como da disponibilidade de meios físicos e bibliográficos.
- A sequência prevista para a formação prática nem sempre é cumprida, porque, por vezes, há necessidade de se aproveitar uma ocorrência extraordinária (e que eventualmente não se repetirá ao longo da formação programada). Tal facto constitui um desafio para os próprios criadores, pois nas explorações as práticas têm também que ser ajustadas aos imprevistos.
- A literatura existente sobre práticas de manejo com ovinos e caprinos constitui a base da introdução e do desenvolvimento dos temas a abordar, mas sofrerá os ajustes necessários para se fazer o enquadramento à nossa realidade.
- Para além das fontes clássicas utilizadas na pesquisa bibliográfica, iremos recorrer à informação verbal veiculada pelos produtores e suas Associações e às mais recentes vias de “navegação” de informação, as redes digitais, que nos põem em contacto directo com o Mundo.
- Procuraremos que este **manual de práticas de manejo em ovinos e caprinos**, venha a ter a colaboração dos vários agentes envolvidos na criação de pequenos ruminantes – a começar pelos **pastores** – que nela queiram participar. Só assim será possível que este trabalho abraja, e chegue, a um amplo leque de interessados.
- As práticas de manejo em ovinos e caprinos vão ser inseridas no esquema geral dos estados fisiológicos mais importantes, e será feita referência da sua aplicabilidade aos ovinos ou aos caprinos:

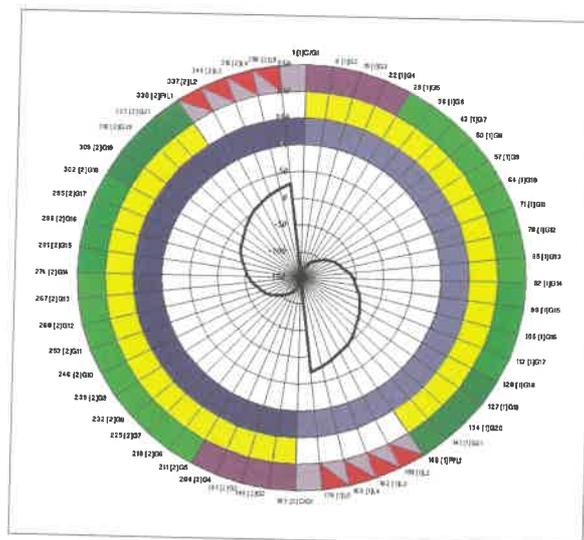


FASE	ADULTOS	ADULTOS	JOVENS	JOVENS
	OVINOS	CAPRINOS	OVINOS	CAPRINOS
• Pré – Cobrição	PC – Malatas	PC – Chibas		
	PC – Malatos	PC – Chibos		
	PC – Ovelhas	PC – Cabras		
	PC – Carneiros	PC – Bodes		
• Cobrição	C – Malatas	C – Chibas		
	C – Malatos	C – Chibos		
	C – Ovelhas	C – Cabras		
	C – Carneiros	C – Bodes		
• Gestação	G – Malatas	G – Chibas		
	G – Ovelhas	G – Cabras		
• Parição	P – Malatas	P – Chibas	P – Borregos	P – Cabritos
	P – Ovelhas	P – Cabras		
• Lactação	L – Malatas	L – Chibas		
	L – Ovelhas	L – Cabras		
• Aleitamento			A – Borregos	A – Cabritos
• Secagem	S – Malatas	S – Chibas		
	S – Ovelhas	S – Cabras		
• Desmame			D – Borregos	D – Cabritos
• Engorda			E – Borregos M	E – Cabritos M
			E – Borregas	E – Cabritas
• Recria			R – Borregos M	R – Cabritos M
			R – Borregas	R – Cabritas

- Algumas das práticas ocorrem, ao longo do ano, independentemente da fase fisiológica em que o animal se encontra.



- As práticas de manejo com ovinos e caprinos desenrolar-se-ão, ao longo do ano, apoiadas no estudo da estrutura etária e evolução dos efectivos ovinos e caprinos, com uma cobertura concentrada em um mês do ano e uma única época de parição. Sempre que possível será feito o enquadramento destas práticas nos sistemas de intensificação reprodutiva mais usuais e com épocas de cobertura diferidas:





ADULTOS

SISTEMA	Cobrição concentrada	Cobrição diferida
• Um parto por ano	1 Parto por Ano * n meses	1 Parto por Ano * n meses * m grupos
• Dois partos por ano	2 Partos por Ano * 1 mês	
• Três partos em dois anos	1,5 Partos por Ano * 1 mês * 1 grupo	1,5 Partos por Ano * 1 mês * 2 grupos
• Quatro partos em três anos	1,33 Partos por Ano * 1 mês * 1 grupo	
• ESTRELA		1,67 Partos por Ano * 1 mês * 1 grupo
• CAMAL		2 Partos por Ano * 1 mês * 4 grupos

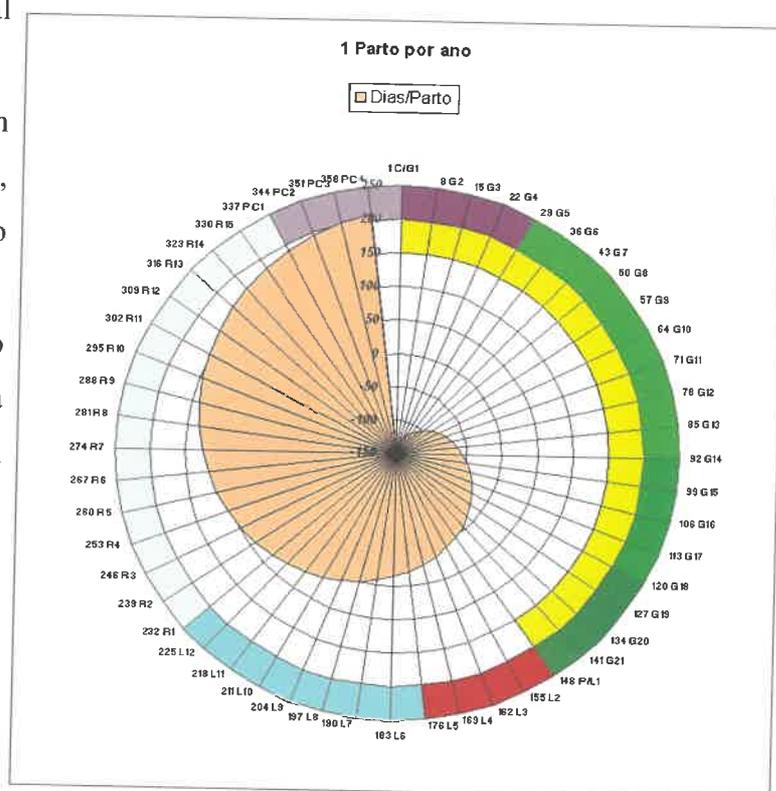
NORMAS PRÁTICAS DE MANEIO

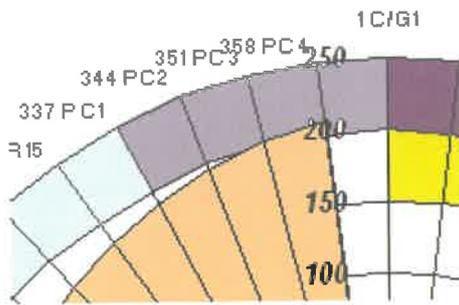
INTRODUÇÃO

Maneio de ovinos e de caprinos:

- Representa o conjunto de práticas ou actividades que o criador deve procurar desenvolver para conseguir as melhores condições de exploração em função do meio ambiente envolvente.
- Deve estar adaptado ao sistema de exploração seguido.
- Visa satisfazer as necessidades dos animais e o seu bem-estar, ao longo do ano, de acordo com os objectivos definidos para o produto final a obter.
- Em função do estado ou condição do animal, do ponto de vista nutricional, teremos que avaliar das disponibilidades alimentares para recorrer a uma alimentação suplementar quando tal se justificar.
- O programa de manejo é assim um instrumento de gestão do rebanho, que vai permitir o melhoramento genético e do ambiente dos efectivos.
- O manejo e o melhoramento genético vão assim permitir obter a máxima eficiência biológica e económica, em função das condições de exploração e da remuneração ou rendimento que o mercado ao alcance pode proporcionar ao criador.

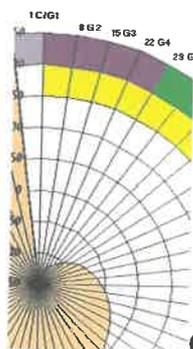
- A eficiência biológica que depende das características fisiológicas dos animais em exploração vai condicionar a produtividade do sistema de exploração por unidade biológica, na unidade de tempo considerada e a eficiência económica vai depender do lucro que o empresário obtiver em função do capital investido.
- Em termos de manejo do ciclo de criação podemos centrá-lo nos 5 meses de duração da gestação, como segue:
 - Preparação para a cobrição
 - Cobrição
 - Gestação
 - Parto
 - Aleitamento
 - Desmame
 - Engorda
 - Descanso





Preparação para a cobrição

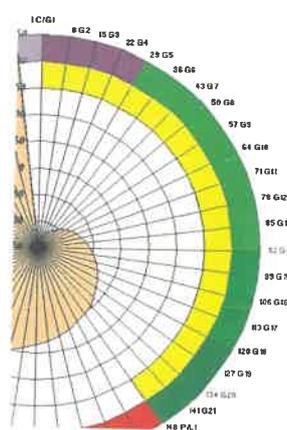
- Esta preparação visa um agrupar dos cios, e em função da condição corporal da malata ou anaca ou da ovelha ou cabra, assim se condiciona uma maior ou menor actuação sobre estas fêmeas.
- O objectivo desta preparação é aumentar a fertilidade das fêmeas e a viabilidade embrionária.
- As **fêmeas** devem ser:
 - Tosquiadas na região da cauda e da vulva (nas ovelhas e nas cabras de pêlo comprido)
 - Desparasitadas
 - Aparadas nos cascos
- As fêmeas não devem consumir leguminosas que tenham altos teores em estrogénios.
- Deve-se proceder ao refugio dos animais indesejáveis.
- Fazer lotes de modo a que em cada um só se coloque um macho (carneiro ou bode).
- Praticar o “*flushing*” às fêmeas.
 - Este consiste em elevar o nível energético da dieta, desde 3 semanas antes do início da cobrição até 3 semanas após.
 - O “*flushing*” melhora a implantação embrionária, o que se traduzirá por mais crias ao parto.
 - O nível de suplementação a fornecer é função da condição corporal da fêmea.
 - Animais muito magros não respondem positivamente ao “*flushing*”.
- É útil colocar-se machos rufiões, deferentectomizados ou inteiros com avental junto das fêmeas duas a três semanas antes do início da cobrição.
- Podem ser usados métodos artificiais para indução do cio e provocar pluri-ovulação.
- Os **machos** devem ser:
 - Tosquiadas na região dos genitais
 - Desparasitados
 - Aparados nos cascos
- Os machos devem estar bem aclimatados à região e em boa condição corporal.
- Desde que possível deve-se avaliar a qualidade do sémen dos machos.



Cobrição

- É um período de grande importância para a exploração e tem por objectivo conseguir-se que sejam cobertas o máximo de fêmeas no mínimo período de tempo possível.
- Se as fêmeas estiverem divididas por lotes com um só macho é possível saber-se, na altura do nascimento, a paternidade das crias.
- Quando a cobrição é feita no rebanho por vários machos os resultados são por vezes mais favoráveis mas não se pode avaliar do valor dos machos.
- No sentido de se limitar ao mínimo o número de fêmeas vazias faz-se geralmente uma segunda época de cobrição, que vai dar origem ao nascimento de crias fora da época normal.
- As fêmeas devem continuar com uma alimentação altamente energética.
- Às malatas e anacas que vão ser cobertas pela primeira vez deve-se dar especial atenção, pois ainda estão na fase de crescimento.

- Quando se pretende ter uma parição agrupada e obter o máximo de óvulos fecundados na cobrição deve-se usar um macho para no máximo 40 fêmeas. Quando se tratar de **malatas** ou de anacas esse número deve ir para 25 a 30 no máximo. O mesmo se passa quando se usar um **malato** ou um anaco como macho reprodutor.



Gestação

- É de primordial importância a detecção das fêmeas gestantes no mais curto espaço de tempo, para eliminar as estéreis, no sentido de serem refugadas o mais rapidamente possível, pois são animais que consomem alimentos e são improdutivos.
- São muitos os métodos que se podem usar no sentido de se detectar a gestação nas fêmeas:
 - Ausências de cio, comprovado pelo facto de os machos não as saltarem.
 - Palpação recto-abdominal.

- Uso do aparelho de Doppler para detectar os batimentos cardíacos fetais.
- Uso do aparelho de ultra-sons para detectar os líquidos placentários.
- Laparotomia.
- Laparoscopia.
- Radiografia.
- Citologia vaginal.
- Doseamentos hormonais.
- Palpação externa.

Durante os primeiros três meses:

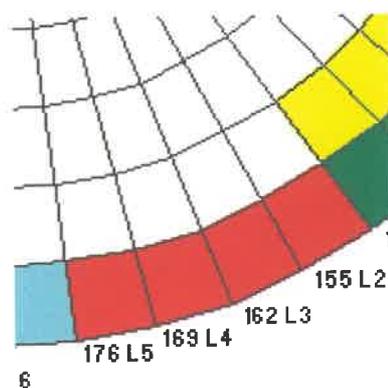
- Neste período, e logo após a cobertura, o feto cresce pouco e as necessidades alimentares das fêmeas não aumentam praticamente nada.
- As malatas e as anacas devem ver satisfeitas as suas necessidades de crescimento normal.
- Todas as fêmeas gestantes devem ter à disposição os elementos minerais indispensáveis a um bom desenvolvimento do feto e preparação da lactação.

Durante os dois últimos meses:

- Dá-se o grande desenvolvimento do feto e convém aumentar progressivamente o nível da alimentação. Neste período os animais devem estar em repouso e só serem feitas as manipu-

lações mínimas indispensáveis, tal como **algumas** vacinações.

- Durante a gestação o criador deve-se preocupar com o parto, pois do seu bom êxito depende o futuro da exploração.

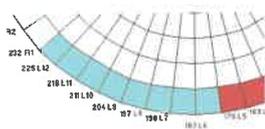


Parto

- O parto deve decorrer com o mínimo de intervenção possível, mas requer um certo número de condições para o bom sucesso e a rentabilidade do rebanho.
- O local do parto deve estar completamente limpo.
- Antes de se colocar a cama deve-se aplicar um absorvente, como por exemplo, o superfosfato para evitar a acumulação de humidades.
- Os sintomas que evidenciam a proximidade do parto são em primeiro lugar o avolumar do úbere e a maior actividade da fêmea.
- Momentos antes do parto a fêmea isola-se do rebanho, deita-se e levanta-se frequentemente, assumindo com

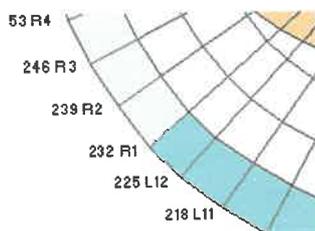
- a cabeça uma posição característica, que é a de fixar o olhar no céu.
- O trabalho do parto inicia-se com o romper da placenta (bolsa das águas), e o aparecimento das extremidades anteriores ou posteriores da cria na zona vulvar.
 - O parto normal dura cerca de 30 a 45 minutos, devendo o criador estar atento para eventuais partos distócicos.
 - Nas oito primeiras horas de vida devem-se realizar as seguintes operações:
 - Retirar uma amostra de leite dos dois tetos das fêmeas paridas para iniciar o fluxo de leite e retirar as sujidades que os possam estar a obstruir.
 - Certificar-se que as crias ingeriram o colostro. Caso a mãe não tenha colostro pode-se recorrer a outra fêmea recém parida ou ao colostro de outra fêmea que poderá estar congelado em doses individuais.
 - Às crias doentes pode-se fazer a administração do colostro com a ajuda de uma cânula estomacal.
 - O cordão umbilical deve ser cortado a cerca de 2 centímetros do abdómen da cria e desinfectado com uma solução de iodo a 7%
 - Os borregos e cabritos devem ser pesados ao nascimento após a sua identificação.
 - Deve ser registado o número de todas as crias vivas e mortas, o sexo, o tipo de nascimento, o número da mãe, e o peso ao nascimento.
 - Remover as placentas do local do parto.
 - Nas primeiras 24 horas após o parto deve-se administrar um feno de boa qualidade às fêmeas que devem ter água à descrição.
 - Se o parto ocorreu numa maternidade, a fêmea e a cria poderão aí permanecer um a dois dias em função da disponibilidade da maternidade e da condição da fêmea e da cria ou crias.
 - Quando há uma recusa por parte da fêmea em aceitar a cria deve ser tentada a sua adopção forçada, prendendo a cabeça da fêmea à manjedoura de modo a que a cria possa ingerir livremente o colostro e o leite.
 - As fêmeas que perderam crias ao nascimento podem ser forçadas a adoptar outras crias (órfãos ou provenientes de partos múltiplos). Para isso podem ser mergulhadas em soluções salinas ou esfregando-

as nos fluidos placentários da mãe adoptiva.



Aleitamento

- O aleitamento é tão importante como o parto para a sobrevivência das crias.
- A alimentação tem um papel primordial e deve ser fornecida em nível suficiente, tanto em quantidade como em qualidade, para assegurar uma rápida recuperação do peso da fêmea e uma boa lactação. As fêmeas devem ser separadas em função do tipo de parto (partos simples ou gemelares) para se racionalizar melhor a alimentação.
- A partir da terceira ou quarta semanas as crias devem ter livre acesso a um comedouro fora do alcance das fêmeas, o que os vai iniciar ao desmame. Um feno de boa qualidade é um alimento excelente para se dar a passagem do estado de monogástrico para poligástrico.
- Se necessário pode-se recorrer ao aleitamento artificial para as crias órfãs e para os não adoptados.



Desmame

Desmame normal

- O momento do desmame é diferente segundo o tipo de borrego ou de cabrito que se quer obter.
- A passagem do aleitamento para a ingestão de alimentos sólidos deve-se fazer progressivamente e necessita de vigilância, o que permitirá evitar o endurecimento dos tetos das fêmeas e uma paragem grave no ritmo de crescimento das crias.
- Do ponto de vista da alimentação das ovelhas e das cabras será desejável diminuir o alimento composto e passar para um regime alimentar à base de palha, de forma a provocar a paragem na produção de leite.
- As crias separadas das mães devem ter à sua disposição um alimento de alto valor produtivo de modo a evitar a paragem de crescimento.

Desmame acelerado

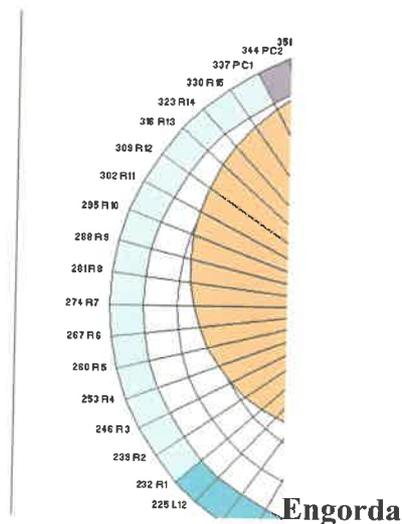
- O momento do desmame é diferente segundo o tipo de borrego ou de cabrito que se quer obter.



- Nas raças utilizadas para a produção de leite e no caso de partos duplos é necessário desmamar as crias muito mais cedo.
- Este desmame efectua-se entre o vigésimo e o trigésimo dia de vida do borrego ou do cabrito.
- As crias bruscamente separados da mãe necessitam ainda mais do que no desmame normal de uma vigilância eficaz e de uma alimentação particularmente bem adaptada, de modo a reduzir os efeitos do forte stress a que foram sujeitas

Inventário ao desmame

- É geralmente ao desmame, isto é, após um período de grande vigilância e que permite um bom conhecimento dos animais, que o criador deverá proceder à actualização dos registos.
- Observando os animais, as produções anotadas e os acidentes, o criador poderá com grande segurança fazer a venda dos animais de reforma e escolher as borregas e cabritas para substituição.
- Este inventário é muito importante porque condiciona a produtividade do próximo ciclo.



- Quer a engorda se faça na pastagem ou no ovil ou cabril é necessário:
 - Que seja o mais rápida possível para ser rentável.
 - Que a alimentação seja equilibrada, com um alto valor nutritivo e com distribuição regular.
 - Que não haja nenhuma quebra na distribuição alimentar nem na tranquilidade dos animais
- Quando se pretende fornecer um alto nível alimentar devem-se tomar algumas precauções como seja a de vacinar contra as enterotoxémias, o que evitará perdas em caso de ligeiras interrupções no fornecimento alimentar, o que por vezes é imprevisível.
- A condução da engorda na pastagem ocasiona algumas precauções suplementares, devidas essencialmente ao parasitismo. Será necessário prever um calendário de tratamentos, em

função do terreno, da época, do rebanho e da infestação.

- Se a engorda prosseguir pelo Verão será indispensável tosquiá-los os borregos sem esquecer que quando se venderem o crescimento da lã já deve ter cerca de um mês.

Manipulações diversas

Tosquia (aplicável aos ovinos)

- A tosquia é realizada normalmente quando o tempo começa a aquecer e tem por finalidade retirar a lã dos ovinos, para o seu aproveitamento industrial.
- Esta operação tem ainda vantagens importantes em termos sanitários. Em Portugal a tosquia é geralmente feita à mão sem serem atendidas as normas mais elementares de valorização dos velos.

Material de manipulação

- Segundo a importância do rebanho, as instalações existentes e o terreno disponível, o criador, sobretudo no período de repouso do rebanho, dever-se-á preocupar com o material de manejo.
- Cada período do ciclo tem as suas exigências particulares, que para serem satisfeitas no sentido de maxi-

mizar o aproveitamento da mão-de-obra o criador deve-se acompanhar da construção de algumas estruturas, tais como cercas, bebedouros, comedouros, abrigos e parques de manejo com as respectivas mangas.

Documentos de gestão

- Os documentos de gestão devem permitir ao criador conhecer a situação do seu rebanho e ajudá-lo a decidir com o máximo de segurança.
- O livro do rebanho é o documento base onde se poderão encontrar todos os dados respeitantes às ovelhas ou cabras do rebanho, borregas e cabritas de substituição e carneiros e bodes de cobrição, durante toda a existência do rebanho.
- No livro de registo dos partos pode-se ter uma ideia mais sistematizada sobre os resultados produtivos numa dada parição.
- Além destes registos deve haver um controlo de produções, como sejam o crescimento e a produção de leite.

PARQUES DE MANEIO E MANGAS SUA UTILIZAÇÃO PELOS OVINOS

INTRODUÇÃO

O manejo dos animais, para ser feito com a máxima eficiência na utilização da mão-de-obra deve ser acompanhado da construção de algumas estruturas, tais como cercas, bebedouros, comedouros, abrigos e parques de manejo com as respectivas mangas.

Vamos aqui abordar os parques de manejo e mangas e a sua utilização pelos ovinos.

São as seguintes as principais vantagens da utilização dos parques de manejo e das mangas:

- Fácil inspeção dos ovinos sem o contacto directo com eles.
- Os animais são conduzidos com facilidade porque circulam por um corredor ou manga muito estreita onde não se devem poder virar.
- O tratador e demais pessoas estão fora da manga o que evita a transmissão de doenças pelo calçado.

PARQUES DE MANEIO

- Separação dos animais em grupos (ex. ovelhas velhas, borregos para venda, borregos para substituição).
- Tosquia dos animais. Para este efeito um parque cimentado ou um estrado de madeira melhoram as condições de trabalho
- Para os animais passarem a noite durante o tempo quente.
- Servir de parque de concentração.
- Outros trabalhos como sejam o corte dos cascos, colheita de amostras de sangue, fezes e lã.

MANGAS

- Verificações individuais dos animais para avaliar o seu estado geral.



- Apalpação dos animais para avaliar o estado corporal.





- Inspeção de boca para estimar a idade através da dentição, bem como o estado desta.



- Pesagem dos animais adultos e jovens.
- Marcação dos animais (tatuagem nas orelhas, brincagem ou marcação no corpo).
- Castração dos animais jovens.
- Corte dos cornos.
- Corte das caudas.
- Análise das fêmeas que foram cobertas pelos machos desde que estes usem arneses marcadores.
- Preparação dos animais para a cobrição.
- Vacinação e desparasitação dos animais.

No seguimento da manga pode ser construído um pedilúvio para controlo das doenças dos cascos ou um tanque banheiro para controlo dos parasitas externos.



CONSTRUÇÃO DAS MANGAS E PARQUES DE MANEIO

As mangas e parques de manejo podem ser construídos em betão, ferro ou madeira.

Quando utilizar madeira esta deverá ser submetida a um tratamento prévio para que tenha uma maior durabilidade.

A manga ilustrada neste texto foi construída aproveitando uma das paredes de um ovil. Neste caso os animais após separação são alojados em grupo dentro do ovil.

CONCLUSÕES

- A estrutura base da manga e dos parques de manejo serve para todas as espécies animais com a devida adaptação das medidas. Em termos gerais, poder-se-á prever a utilização das estruturas usadas com o gado ovino para o gado caprino.
- O material a usar para a construção deverá ser o de menor custo para a funcionalidade prevista.
- Pode-se adaptar estes parques de trabalho e mangas a estruturas já existentes, ou fazê-las em campo aberto, o que geralmente implica maior gasto de material.
- Quanto mais fechada for a manga mais facilmente os animais se deslocam no sentido pretendido. Para evitar que os animais recuem devem ser colocadas barreiras de 20 cm de altura espaçadas de 1,5 metros.
- A comodidade do trabalho requer que os parques estejam abrigados do tempo chuvoso ou do sol e o mais próximo possível do ovil.

AVALIAÇÃO DO ESTADO GERAL EM OVINOS

- A avaliação do estado geral dos ovinos engloba questões relacionadas com:
 - Aspectos morfológicos.
 - Características produtivas.
 - Práticas de manejo.



Foto 1 – Observação geral de ovelhas.



Foto 2 – Observação geral de carneiros.



Foto 3 – Verificação dos membros posteriores e de sujidades.



Fotos 4 e 5 – Verificação dos genitais externos.



Fotos 6 e 7 – Verificação dos cascos.

- As questões atrás mencionadas permitem caracterizar individualmente os animais assim como o rebanho, o grupo ou a raça, aonde eles se inserem.



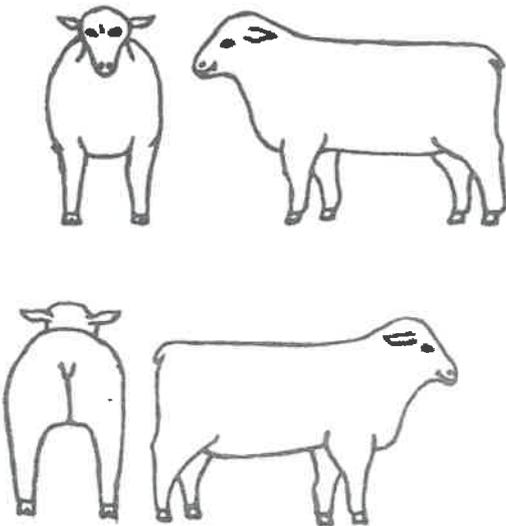
Fotos 8 e 9 – Palpação (esq.) e verificação do úbere (dir.).

- Na avaliação do estado geral dos ovinos são considerados, e por ordem, os seguintes aspectos: identificação do animal, aspectos relacionados com a cabeça, tronco e membros, estado produtivo, sanidade e procedimentos, de acordo com a **ficha** seguinte.

**FICHA
AVALIAÇÃO DO ESTADO GERAL
OVINOS**

Nº de ordem: _____
Data: 200__ / __ / __

Nome e marca da exploração _____
Proprietário _____
Localização da exploração _____

1 Raça	
	
Figura 1 – Silhuetas. Marcar as zonas escuras.	
1.1 Nome	
1.2 Identificação	Nº _____
1.3 Sexo	Macho <input type="checkbox"/> Fêmea <input type="checkbox"/>
1.4 Tipo de nascimento	Simple <input type="checkbox"/> Duplo <input type="checkbox"/> Triplo <input type="checkbox"/>
1.5 Idade	Anos e Meses _____
1.6 Cor geral	
1.7 Manchas	Não <input type="checkbox"/> Sim <input type="checkbox"/> Cor _____

2 Cabeça																									
2.1 Faces	Cor _____ Lã: Não <input type="checkbox"/> Sim <input type="checkbox"/> Pêlo: Não <input type="checkbox"/> Sim <input type="checkbox"/>																								
2.2 Mucosas	 Cor _____ Manchas: Não <input type="checkbox"/> Sim <input type="checkbox"/> Cor das manchas _____																								
2.3 Chanfro	Rectilíneo <input type="checkbox"/> Concavo <input type="checkbox"/> Convexo <input type="checkbox"/> Lã: Não <input type="checkbox"/> Sim <input type="checkbox"/> Pêlo: Não <input type="checkbox"/> Sim <input type="checkbox"/>																								
2.4 Orelhas	Pequenas <input type="checkbox"/> Médias <input type="checkbox"/> Grandes <input type="checkbox"/> Levantadas <input type="checkbox"/> Horizontais <input type="checkbox"/> Pendentes <input type="checkbox"/>																								
2.5 Olhos	 Cor _____ Anomalias: Não <input type="checkbox"/> Sim <input type="checkbox"/> Manchas íris: Não <input type="checkbox"/> Sim <input type="checkbox"/> Cor das manchas _____																								
2.6 Cornos	 Presença: Não <input type="checkbox"/> Sim <input type="checkbox"/> Comprimento: esq _____ cm: dir _____ cm Forma: Pouco curvos <input type="checkbox"/> Espiralada <input type="checkbox"/> Saca-rolhas <input type="checkbox"/> Superfície: Lisa <input type="checkbox"/> Rugosa <input type="checkbox"/> Anelada <input type="checkbox"/> Estado: Normais <input type="checkbox"/> Gastos <input type="checkbox"/> Partidos: Esq. <input type="checkbox"/> Dir. <input type="checkbox"/>																								
2.7 Dentição	 Pinças: Leite <input type="checkbox"/> Definitivos <input type="checkbox"/> Primeiros médios: Leite <input type="checkbox"/> Definitivos <input type="checkbox"/> Segundos médios: Leite <input type="checkbox"/> Definitivos <input type="checkbox"/> Cantos: Leite <input type="checkbox"/> Definitivos <input type="checkbox"/> Esboço: <table border="1"> <tr> <td>C</td><td>2ªM</td><td>1ªM</td><td>P</td><td>C</td><td>2ªM</td><td>1ªM</td><td>P</td> </tr> <tr> <td>D</td><td>D</td><td>D</td><td>D</td><td>E</td><td>E</td><td>E</td><td>E</td> </tr> <tr> <td></td><td></td><td></td><td></td><td></td><td></td><td></td><td></td> </tr> </table>	C	2ªM	1ªM	P	C	2ªM	1ªM	P	D	D	D	D	E	E	E	E								
C	2ªM	1ªM	P	C	2ªM	1ªM	P																		
D	D	D	D	E	E	E	E																		

3 Tronco	
3.1 Pescoço	Comprido <input type="checkbox"/> Médio <input type="checkbox"/> Curto <input type="checkbox"/> Largo <input type="checkbox"/> Médio <input type="checkbox"/> Estreito <input type="checkbox"/>
3.2 Barbela	Pequena <input type="checkbox"/> Média <input type="checkbox"/> Grande <input type="checkbox"/> Ausente <input type="checkbox"/>
3.3 Linha dorsal	Rectilínea <input type="checkbox"/> Concava <input type="checkbox"/> Convexa <input type="checkbox"/>
3.4 Linha ventral	Rectilínea <input type="checkbox"/> Concava <input type="checkbox"/> Convexa <input type="checkbox"/>
3.5 Face ventral	Lã: Não <input type="checkbox"/> Sim <input type="checkbox"/> Pêlo: Não <input type="checkbox"/> Sim <input type="checkbox"/>
3.6 Costados	Achatados <input type="checkbox"/> Arqueados <input type="checkbox"/> Muito arqueados <input type="checkbox"/>
3.7 Velo	Uniforme <input type="checkbox"/> Com peladas <input type="checkbox"/>
3.8 Tipo de lã	Grosseira ou churra <input type="checkbox"/> Cruzada ou entrefina <input type="checkbox"/> Fina <input type="checkbox"/>
3.9 Flanco	Cheio <input type="checkbox"/> Deprimido <input type="checkbox"/> Cavado <input type="checkbox"/>
3.10 Cauda	Comprida <input type="checkbox"/> Média <input type="checkbox"/> Curta <input type="checkbox"/>
3.11 Garupa	Desenvolvimento: Bom <input type="checkbox"/> Médio <input type="checkbox"/> Fraco <input type="checkbox"/> Levantada <input type="checkbox"/> Horizontal <input type="checkbox"/> Descaída <input type="checkbox"/>
3.12 Úbere	Desenvolvimento: Bom <input type="checkbox"/> Médio <input type="checkbox"/> Fraco <input type="checkbox"/> Normal <input type="checkbox"/> Anormal <input type="checkbox"/> Tetos supranumerários <input type="checkbox"/> Número _____
3.13 Genital	
Feminino <input type="checkbox"/>	 Normal <input type="checkbox"/> Anormal <input type="checkbox"/> Sem corrimentos <input type="checkbox"/> Com corrimentos <input type="checkbox"/> Tipo: _____
Masculino <input type="checkbox"/>	 Testículos: Normais <input type="checkbox"/> Criptorquídeo <input type="checkbox"/> Monorquídeo <input type="checkbox"/> Castrados <input type="checkbox"/> Apêndice vermiforme: Normal <input type="checkbox"/> Preso <input type="checkbox"/>

4 Membros	
4.1 Estado geral	Coxeia: Não <input type="checkbox"/> Sim <input type="checkbox"/> AE <input type="checkbox"/> PE <input type="checkbox"/> AD <input type="checkbox"/> PD <input type="checkbox"/>
4.2 Presença de lã	Não <input type="checkbox"/> Sim <input type="checkbox"/>
4.3 Presença de pêlo	Não <input type="checkbox"/> Sim <input type="checkbox"/>
4.4 Estado dos cascos	Bom <input type="checkbox"/> Razoável <input type="checkbox"/> Mau <input type="checkbox"/>
4.5 Aprumos anteriores	Vista de frente: • • \ / \ > < <input type="checkbox"/> <input type="checkbox"/> <input type="checkbox"/> <input type="checkbox"/>
4.6 Aprumos posteriores	Vista do lado esquerdo: • \ / > <input type="checkbox"/> <input type="checkbox"/> <input type="checkbox"/> <input type="checkbox"/>

5 Estado produtivo	
5.1 Condição corporal	 1 <input type="checkbox"/> 2 <input type="checkbox"/> 3 <input type="checkbox"/> 4 <input type="checkbox"/> 5 <input type="checkbox"/> 1,5 <input type="checkbox"/> 2,5 <input type="checkbox"/> 3,5 <input type="checkbox"/> 4,5 <input type="checkbox"/>
5.2 Velo	Em crescimento <input type="checkbox"/> A tosquiar <input type="checkbox"/>
5.3 Em gestação	Não <input type="checkbox"/> Sim <input type="checkbox"/> Semanas _____ Número de partos _____
5.4 Em lactação	Não <input type="checkbox"/> Sim <input type="checkbox"/> Semanas _____ Crias a amamentar _____

6 Sanidade	
6.1 Parasitoses externas	Não <input type="checkbox"/> Sim <input type="checkbox"/> _____ _____
6.2 Parasitoses internas	Não <input type="checkbox"/> Sim <input type="checkbox"/> _____ _____
6.3 Doenças	Não <input type="checkbox"/> Sim <input type="checkbox"/> _____ _____

IMOBILIZAÇÃO E CONTENÇÃO EM OVINOS ADULTOS

OBJECTIVOS

- Saber aplicar as diferentes técnicas de imobilização e contenção.
- Decidir qual a técnica mais adequada às várias situações práticas.

IMOBILIZAÇÃO DE OVINOS ADULTOS

Primeira abordagem:

1. Confinar todo o rebanho num local fechado ou com cercas.
2. Realizar uma aproximação lenta ao animal, caminhando com os braços e mãos abertos.
3. Quando se está suficientemente perto do animal, coloca-se uma das mãos nas entreganachas ou cornos e outra mão no pescoço ou na garupa.
4. A mão nas entreganachas ou cornos evitará que o animal caminhe para a frente e a mão na garupa evitará que recue.



Segunda abordagem:

1. Aproximamo-nos do animal por trás, de forma a não sermos vistos, agarrando-o pelo curvilhão para lhe dificultar os movimentos.
2. Com a outra mão alcança-se as entreganachas ou os cornos e, libertando a perna, segura-se na garupa ou no pescoço;

CUIDADOS

- Não agarrar o animal pela lã ou pêlo, nem pela canela.
- Se o animal tiver cornos, estes podem ser agarrados, desde que não se trate de um jovem.
- Ter sempre os pés bem assentes no chão, caso contrário, pode perder o equilíbrio.

Sentar o Animal

Método 1

1. Agarra-se o animal como foi descrito, encostando-o às pernas do operador.
2. Colocar o polegar da mão esquerda dentro da boca do animal (atrás dos dentes incisivos) ou agarrar pelo corno, e a mão direita sobre a sua nádega direita.
3. Vira-se a cabeça do ovino na direcção da nádega direita, ao mesmo tempo faz-se pressão com a mão sobre essa mesma nádega, de modo a que o animal perca o equilíbrio e caia.



4. Após ter caído, recua-se um pouco de modo a que a região da garupa fique assente no chão.

O animal nesta posição é muito fácil de controlar, permitindo ao operador ficar com as mãos livres.

Método 2

1. Agarra-se o animal como foi descrito, encostando-o às pernas do operador.
2. Estando o operador colocado do lado esquerdo do animal, com a mão direita agarra na virilha do flanco direito do animal.



3. A mão esquerda segura a cabeça do animal e ao mesmo tempo levanta-se o animal pela prega, de forma a desequilibrá-lo.

Método 3

1. Agarra-se o animal como foi descrito, encostando-o às pernas do operador.
2. Estando o operador colocado do lado esquerdo do animal, com a mão direita agarra o membro posterior esquerdo por baixo do animal.
3. Quando a perna estiver segura, puxa-se para assim desequilibrar o animal

Animal em pé

Após ter agarrado o animal deve-se manter o controlo da sua cabeça, segurando as entreganachas e o operador deve colocar o animal entre as suas pernas mantendo-as bem firmes de modo a evitar a fuga. Se possível a parte posterior do animal deverá estar encostada a uma parede ou grade.



CUIDADOS

Nunca tentar montar o animal quando este está a tentar fugir ou verificarmos que os nossos pés não ficarão bem assentes no chão.

IDENTIFICAÇÃO POR TATUAGEM EM OVINOS



- A tatuagem trata-se de um método de identificação, que se pretende seja permanente.
- Consiste em situar, por punção na derme ou mucosas, pequenas partículas coloridas de origem vegetal, animal ou mineral, que desenham letras, números ou sinais.
- Este tipo de identificação é utilizado, principalmente, pelos criadores e por algumas Associações de Criadores, para identificação dos animais inscritos ou a inscrever nos Registos Zootécnicos ou em Livros Genealógicos.
- Não se devem tatuar animais muito jovens, por um lado devido ao espaço no pavilhão auricular não ser suficientemente amplo e, por outro devido à possível deformação da tatuagem que poderá ocorrer derivada do crescimento da orelha do animal. Deve-se utilizar uma identificação temporária (coleira) até aproximadamente os 6 meses de idade, altura em que se deve proceder à tatuagem.
- É necessário ter-se os registos de nascimento sempre actualizados em qualquer exploração.
- Os ovinos da raça Ile-de-France, por exemplo, são identificados no pavilhão auricular direito por 4 algarismos e por letras, correspondendo estas à marca de criador desta raça. Quanto aos algarismos, o 1º corresponde ao ano de nascimento, o 2º ao semestre de nascimento e os dois ou três seguintes à ordem de nascimento no semestre.
- **Exemplo 1:** Animal 3019 UT
 - ✓ 3 – Ano de nascimento (1993 ou 2003)
 - ✓ 0 – Semestre de nascimento (Janeiro a Junho)
 - ✓ 19 – Ordem de nascimento de Janeiro a Junho
 - ✓ UT – Marca correspondente à exploração de origem do animal
- **Exemplo 2:** Animal 01234 UT
 - ✓ 0 – Ano de nascimento (1990 ou 2000)
 - ✓ 1 – Semestre de nascimento (Julho a Dezembro)
 - ✓ 234 – Ordem de nascimento de Julho a Dezembro
 - ✓ UT – Marca correspondente à exploração de origem do animal
- A orelha esquerda do animal é destinada às Associação de Criadores,

para possível inscrição no livro genealógico bem como para a sanidade animal.



MATERIAL

- Pano ou algodão.
- Balde com água.
- Alicates de tatuar.



- Tinta.
- Conjunto de algarismos e letras.

METODOLOGIA

1. Imobilizar o animal e verificar o número da coleira e o correspondente número definitivo no livro de nascimentos.
2. Limpar o pavilhão auricular direito do animal.
3. Colocar no alicate os dígitos da identificação definitiva do animal,

bem como as letras correspondentes à identificação do criador.

4. Verificar numa folha se a numeração no alicate está a correcta.
5. Com o animal imobilizado e entre as duas primeiras nervuras do pavilhão auricular direito, tatua-se o número da exploração do animal e, entre as duas seguintes a marca do criador.
6. Após efectuadas as punções indicadas no ponto anterior, dever-se-à passar por cima dessas, de um modo firme, tinta de tatuagem.
7. Deve-se deixar a identificação provisória (coleira) no animal, até verificarmos se a tatuagem ficou bem realizada.
8. Aplica-se o disposto no Decreto-Lei Nº 338/99 de 24 de Agosto.

CUIDADOS

- Leitura correcta da identificação provisória e definitiva do animal.
- Tatuar os animais com firmeza.
- Verificar que a tinta é espalhada por todos os dígitos tatuados.
- Verificar que a tatuagem não será realizada de modo incorrecto (número invertido).
- Limpar o equipamento após a sua utilização.

IDENTIFICAÇÃO POR BRINCAGEM EM OVINOS



- O brinco trata-se de um método auxiliar de identificação, que se pretende seja permanente e inviolável.
- Este tipo de identificação é utilizado, principalmente, pelos criadores e por algumas Associações de Criadores, para identificação dos animais inscritos ou a inscrever nos Registos Zootécnicos ou em Livros Genealógicos e pela sanidade animal.
- O brinco para animais jovens deve ser muito pequeno, para não deformar a orelha.
- É necessário ter-se os registos de nascimento actualizados em qualquer exploração.
- Os ovinos da raça Churra da Terra Quente, por exemplo, são identificados no pavilhão auricular direito por 3 ou 4 algarismos. No caso de terem 3 algarismos, o 1º corresponde ao ano de nascimento e os dois seguintes à ordem de nascimento

nesse ano. Se tiverem 4 algarismos, os 2 primeiros correspondem ao ano de nascimento e os seguintes à ordem de nascimento nesse ano.

- Exemplo 1: Animal 319
 - ✓ 3 – Ano de nascimento (1993 ou 2003)
 - ✓ 19 – Ordem de nascimento nesse ano
- Exemplo 2: Animal 9645
 - ✓ 96 – Ano de nascimento 1996.
 - ✓ 45 – Ordem de nascimento nesse ano.
- A orelha esquerda do animal é destinada à sanidade animal, em que no brinco, para além da identificação oficial encontra-se escrito na parte exterior ou interior do brinco, a identificação da exploração.



MATERIAL

- Brincos.



- Alicate.
- Tinta para identificação.

1. Verificar a ordem de nascimento do animal a identificar no livro de nascimentos.
2. Imobilizar o animal.
3. Brincar o animal na orelha direita, entre as 2 nervuras principais.
4. Aplica-se o disposto no Decreto-Lei N° 338/99 de 24 de Agosto.

CUIDADOS

- Leitura correcta da identificação do animal.
- Verificar se a tinta para inscrição dos algarismos nos brincos é apropriada para esse efeito.
- Verificar que o brinco fica bem colocado.

METODOLOGIA



CORTE DE CASCOS EM OVINOS

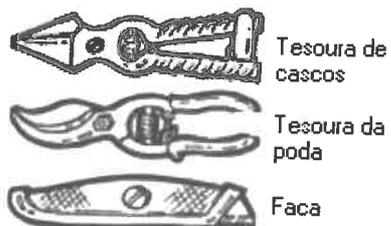
OBJECTIVOS:

- Manter os animais em boas condições de aprumos e de marcha.
- Deve-se ter uma atenção especial na altura da cobrição.



- Prevenção de afecções podais.
- Evitar perdas económicas de uma diminuição do crescimento, peso vivo e produção de lã.
- Operação realizada pelo menos 2 vezes por ano (na altura da tosquia e antes da cobrição).

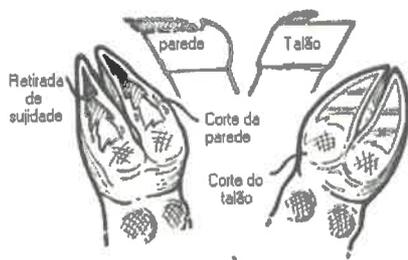
MATERIAL



- Tesoura da poda.
- Navalha.
- “Jaula de reviramento”.

TÉCNICA DE CORTE





1. É necessário deitar/sentar o animal, ou prende-lo em jaulas próprias para este tipo de operação.
2. Deveremos eliminar toda a sujidade que esteja entre a parede e a sola dos cascos.



3. Cortar com cuidado a extremidade anterior da unha.
4. Cortar toda a parede (livre) do casco até ao nível da sola.



5. Eliminar todo o tecido da zona do talão e sola, para que estes fiquem uniformes. Se aparecer uma tonalidade rosa nestas áreas, não deveremos cortar mais.
6. Em animais adultos, deve-se cortar também, se necessário, uma parte dos machinhos.



CUIDADOS:

- Durante esta operação ter cuidado com o manuseamento da tesoura da poda ou navalha para não nos ferirmos.
- Caso provoquemos alguma lesão no casco, dever-se-á desinfetar o mesmo com uma solução iodada (por exemplo).
- Colocar sempre a lâmina da tesoura na parte interior da unha, de forma a evitar cortes profundos.

CORTE DE CAUDAS EM BORREGOS

NOTA: Antes de efectuar esta prática deve-se ter em atenção as normas legais de bem-estar animal em vigor.

- A cauda dos ovinos, que tem como base óssea a parte terminal da coluna vertebral, é um apêndice móvel, de volume e comprimento variáveis.
- A cauda é constituída por vértebras caudais, variando em número de três a vinte e quatro ou mais. As vértebras caudais são ossos curtos que se seguem uns aos outros e se articulam como elos de uma cadeia. As últimas vértebras da cauda reduzem-se a pequenos cilindros ossificados muito esponjosos.
- Podemos dividir a cauda em três porções: **raiz** ou base da cauda, que é o segmento mais grosso e o que se implanta no corpo, o **troço**, que é a porção intermédia e a **ponta**.
- Existem muitos métodos para cortar as caudas aos borregos. Havendo preferências pessoais o essencial é que não se esqueçam os aspectos sanitárias elementares.
- Caso não se utilizem os instrumentos adequados podem surgir perdas de peso e até alguma mortalidade.

Razões para amputar a cauda

- O corte de cauda é uma operação tradicional, sendo aconselhável nas seguintes situações:
 - Melhorar as condições sanitárias, dado que a lã comprida na cauda longa fica saturada de urina e de fezes, e torna-se muito atraente para insectos e parasitas.
 - Evitar a contaminação da lã nos animais sujeitos a regime alimentar variado, susceptível de provocar diarreias.
 - Medida higiénica do parto e da ordenha.
 - Aumentar a produtividade das ovelhas, nas quais a cauda poderá interferir com a cobrição.
 - Alterar a aparência das ovelhas (questão estética).
 - Alterar a apresentação da parte posterior (em raças de carne).
 - Aumentar o valor do mercado de borregos.

Época para a amputação da cauda

- O corte deve fazer-se prematuramente. Quanto mais jovem for o borrego menos doloroso é e mais rápida é a cura. Para melhorar os resultados a cauda deve ser cortada antes das duas semanas de idade. Depois desta idade pode ocasionar traumas e sangramentos maiores.
- Os borregos grandes e fortes podem ser intervencionados 24 horas após o nascimento, mas a borregos fracos e débeis, deve fazer-se somente a intervenção quando a sua sobrevivência estiver assegurada.
- A altura do corte pode ser variável, mas deve respeitar o comprimento necessário para tapar os órgãos genitais do futuro carneiro ou da futura ovelha, pois serve de protecção contra os insectos picadores e possíveis contusões locais.

Procedimentos para a amputação da cauda

- Intervimos seccionando até 5-6 cm da base. A desarticulação pode ou não ser intervertebral (assentar no espaço entre duas vértebras). Para efectuar a operação os borregos devem estar bem seguros e se possí-

vel calmos.

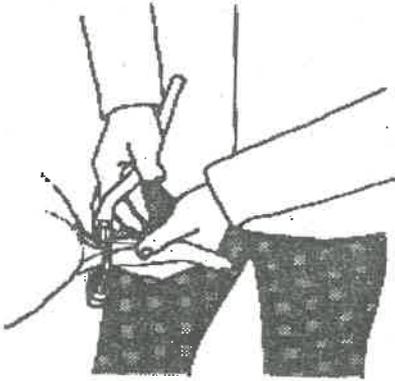
- Os processos de corte são:
 - Por seccionamento.
 - O método de compressão por anel de borracha.
 - O esmagamento por pinça emasculadora.

1) CORTE POR SECCIONAMENTO

- Agarrar o animal entre as pernas, com a parte traseira para a nossa frente.
- Fazer garrote na base da cauda, que depois pode ser tirado sem risco uma a duas horas depois do corte.
- Pôr a faca de trás da cauda e cortar de uma só vez, de baixo para cima (pois a secção de pele é mais regular).
- No momento do corte deve puxar-se a pele para a garupa para que a cicatriz fique bem feita.
- Desinfectar com tintura de iodo.
- Quando há hemorragia pode ser aconselhável fazer cauterização manual. Utiliza-se uma haste de ferro provida de pega de madeira e terminada, no outro extremo, por uma parte chata e redonda tendo um buraco no meio. Esta parte é aquecida ao rubro, e aplicada na ferida

cessando imediatamente a hemorragia.

2) COMPRESSÃO POR ANEL DE BORRACHA

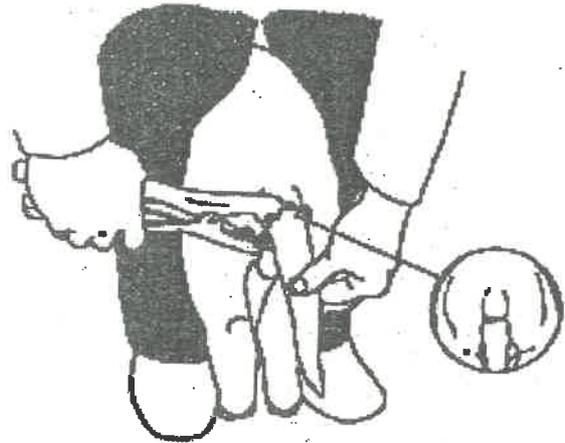


- Conter o animal em posição favorável.
- Colocar o anel de borracha nos ferriños da pinça (elastrador).
- Esticar o anel de maneira até ter largura suficiente para que a cauda caiba.
- Meter o anel a distância requerida.
- Retirar a tensão na pinça e deixar a borracha na cauda.
- Este método não causa sangramento. Os anéis de borracha actuam por compressão permanente, até se dar a necrose da parte terminal da cauda. Ao fim de duas semanas a cauda acaba por cair, mas convém seccioná-la logo após a aplicação do anel, para evitar o tétano.

3) ESMAGAMENTO POR PINÇA

EMASCULADORA

- Este processo é seguido de corte abaixo do ponto de esmagamento.



- Após a amputação da cauda devemos seguir certos princípios:
 - Manter os animais calmos.
 - O local aonde se vão colocar os borregos após o corte das caudas deve estar com as camas limpas para reduzir os riscos de infecção.
 - Caso os borregos sejam colocados em pastagens, estas devem estar igualmente limpas.
 - Administrar as injeções necessárias (nomeadamente as do tétano).
 - Examinar periodicamente a cicatriz para evitar uma extensão de infecções.

C

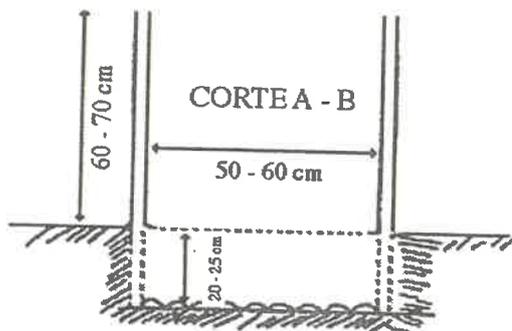
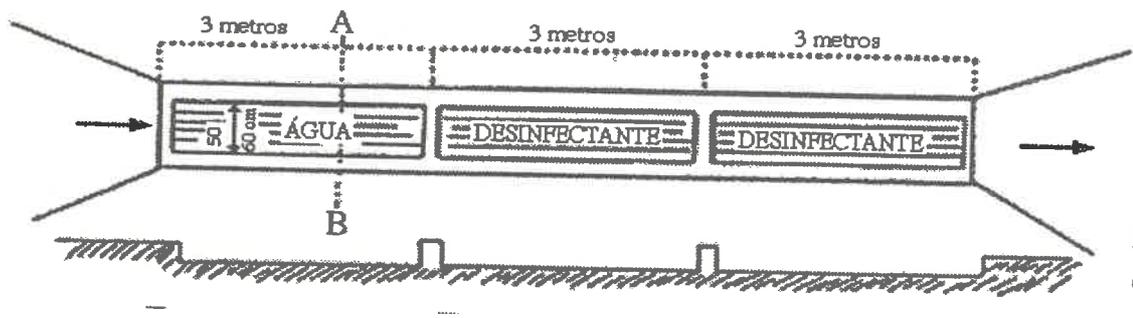
C

CONTROLO DA PEEIRA OVINOS E CAPRINOS

- A peeira ou pezunho é uma doença contagiosa, que afecta os pés dos ovinos e caprinos.
- Sendo uma doença facilmente transmissível por animais recém incorporados no efectivo ou por restos de cascos aparentemente não infectados pode ser causada por numerosos microrganismos.
- As pastagens lamacentas e mal drenadas são propícias ao desenvolvimento destes microrganismos, no entanto, fora dos pés dos animais não sobrevivem mais do que 9 a 10 dias.
- Os animais são atacados em qualquer idade, mas os jovens são mais do que os adultos, e por isso a doença é mais grave naqueles.
- Os estábulos ensombrados, aonde não penetram os raios solares, os alojamentos com temperatura e humidade elevadas, com má ventilação, favorecem o aparecimento da peeira.

CONSEQUÊNCIAS DO APARECIMENTO DA PEEIRA

- Diminuição da rentabilidade da exploração.
- Favorece o aparecimento do parasitismo.



- Diminuição da eficiência reprodutiva.
- A velocidade de crescimento é reduzida.
- A eficiência de conversão alimentar é fortemente afectada.
- Os animais perdem o apetite.



- Diminuição de todas as defesas orgânicas.

SINTOMAS APRESENTADOS NOS ANIMAIS AFECTADOS

- No início um pequeno número de animais começa a coxear, para rapidamente esse número aumentar, podendo atingir a totalidade do efectivo.
- A pata ou patas encontram-se inflamadas. Podem inchar e podem aparecer feridas entre os cascos ou dentro destes.
- Desenvolve-se uma greta entre a pele e a parte córnea do casco. Os microrganismos progridem por esta greta e a infecção aumenta.
- Surge um corrimento purulento com odor característico, podendo chegar a haver desprendimento do casco.
- O animal geralmente apresenta febre alta, perda de apetite e consequentemente perda de peso.

MODOS DE EVITAR QUE ESTA DOENÇA APAREÇA

- Deve-se ter muito cuidado com os animais que se introduzem na exploração, mantendo-os isolados durante algumas semanas, para despiste da doença.
- Manter sempre as camas secas e desinfectadas.

- A prática da rotação das pastagens, que inclua algumas pastagens limpas.
- Os cascos devem ser aparados regularmente, e queimados ou enterrados.
- Os animais devem passar por um local comum (pedilúvio) com uma solução desinfectante à saída e à entrada dos ovis e dos cabris.
- O pedilúvio deve conter uma solução desinfectante de 5% de sulfato de cobre, 5% de sulfato de zinco e 5% de formol.
- A solução do pedilúvio nunca deve estar ao dispor dos jovens, para evitar que a bebam, o que poderá vir a tornar-se tóxico.
- A solução deve ter uma altura mínima de 10 cm, de forma a cobrir os pés dos animais.
- Quando não se dispõe de um pedilúvio permanente pode-se arranjar um portátil ou mesmo improvisar um pedilúvio, na última das hipóteses, com um plástico.
- Quando as medidas atrás preconizadas falharem ainda tem como alternativa a vacinação dos animais, como medida coadjuvante de prevenção.



QUANDO A DOENÇA ATINGE OS SEUS ANIMAIS O QUE DEVE FAZER

- Deve separar os animais afectados, isolando-os e procedendo ao seu tratamento.
- Os animais nos quais a doença se encontra num estado muito avançado devem ser eliminados.

CUIDADOS A TER COM OS ANIMAIS SAUDÁVEIS

- Os animais que não apresentam a doença devem atravessar um pedilúvio, com a solução desinfectante referida.
- Os animais devem permanecer aí pelo menos 1 minuto. De seguida devem ser transferidos para um parque cimentado com uma cama de palha onde permanecem uma ou duas horas e, de seguida vão para uma pastagem limpa (sem ovinos e caprinos há pelo menos 14 dias).
- Os animais devem ter os cascos sempre devidamente cortados.





O PARTO



- As cabras e as ovelhas necessitam de estar em boas condições no momento do parto, de forma a produzirem leite em quantidade suficiente para os filhos.
- No último terço da gestação, deve-se suplementar energeticamente a alimentação (*steaming up*) de forma a permitir um bom desenvolvimento dos fetos, do úbere e criar reservas corporais.
- No momento do parto, as fêmeas deverão ter uma condição corporal entre 3 e 3,5 pontos.
- Uma má alimentação neste período conduzirá a toxémias de gestação, a morte dos fetos, a pesos ao nascimento baixos (menor capacidade de sobrevivência) e a uma insuficiente produção de leite.

SINAIS DO PARTO

- Com o aproximar do parto observa-se um aumento da glândula mamária e dos lábios vulvares.
- Nas horas que antecedem o parto, as fêmeas afastam-se do rebanho – podendo deixar de comer – procuram um local abrigado, levantam a cabeça periodicamente, franzem os lábios (o útero contrai-se), olham fixamente e raspam o chão.

FASES DO PARTO

- Fase preparatória* – Visa converter o útero e a vagina num canal contínuo. Iniciam-se as contracções uterinas, em que a bolsa das águas é empurrada através do cérvix, estimulando a sua dilatação. Eventualmente o cérvix ficará com o mesmo diâmetro que o colo do útero. Neste momento a fêmea está inquieta, deita-se e levanta-se frequentemente soltando balidos. Esta fase tem a duração de cerca de 3 a 4 horas.
- Fase de expulsão do feto*: as contracções uterinas tornam-se mais fortes e frequentes, o feto e a bolsa das águas atravessam o canal cervical havendo a ruptura destas. O feto, em posição normal (membros anteriores ou posteriores dirigidos para o cérvix), é

expelido até uma hora após a ruptura do saco das águas, demorando mais algum tempo em primíparas e em caso de partos múltiplos.

- *Fase de expulsão da placenta (párias ou secundinas):* nas ovelhas a expulsão placentária pode demorar de 30 minutos a 3 horas e nas cabras de 30 minutos a 4 horas, com a particularidade de estas frequentemente comerem a placenta.

DIFICULDADES NO PARTO

- Existe um grande número de más apresentações das crias ao nascimento, denominadas por distócias.
- As apresentações distócicas são todas as posições diferentes das normais em que o jovem pode estar no momento do parto, embora o seu tamanho também possa originar um parto distócico.
- Muitas destas distócias podem ser causados por problemas sanitários, estado nutricional das fêmeas e a própria genética, pelo que, os registos da exploração devem estar actualizados para os podermos analisar.
- Se o animal necessitar de assistência há que ter em atenção determinados cuidados tais como, higiene, posição

correcta da fêmea, lubrificação, maneo cuidadoso, verificação de apresentação do jovem bem como identificação dos seus membros.

CUIDADOS APÓS O PARTO

- Os momentos que se sucedem ao parto são momentos críticos para a sobrevivência dos borregos e dos cabritos.
- Logo após o nascimento deve-se observar:
 - A respiração dos recém-nascidos.
 - Se a fêmea lambeu os filhos (se não o fizer deve-se limpá-lo).
 - Se as crias ingeriram o colostro.



- O cordão umbilical deve ser desinfectado rapidamente após o nascimento.
- Caso as fêmeas abandonem os filhos, não tenham leite ou morram há que recorrer à adopção ou ao aleitamento artificial.

ADOPÇÃO DE ÓRFÃOS CABRITOS E BORREGOS

- Uma das grandes preocupações de uma exploração, são os jovens órfãos que ocorrem na época de partos e que têm origem em diversas situações.
- A adopção é uma prática de manejo importante para qualquer exploração, uma vez que, quando bem sucedida evita gastos de mão-de-obra no aleitamento artificial e nos custos inerentes ao mesmo.
- Para ser uma operação com sucesso deverá ser feita o mais próximo possível do parto.
- Convém salientar que conseguir a adopção de recém-nascidos é um processo complexo que nem sempre resulta e que exige bastante prática.
- O aparecimento do comportamento maternal está associado ao equilíbrio hormonal que caracteriza o momento do parto, sendo condição essencial a secreção massiva de estrogénios que são produzidos na altura.
- O primeiro contacto da mãe com o recém-nascido é consequência da forte atracção da mãe em relação aos líquidos fetais.
- O acto da fêmea lambar activamente o recém-nascido permite o estabelecimento da ligação entre mãe e filho

NECESSIDADE DE ADOPÇÃO DE RECÉM NASCIDOS

- Há várias situações em que a fêmea não aceita a sua cria, apresentando um comportamento maternal anormal ou fraco, tornando-se necessário proceder à adopção destes recém-nascidos:
 - Morte da fêmea durante ou após o parto.
 - Rejeição dos recém-nascidos, com recusa a amamentação, por parte da mães (malatas e fêmeas nervosas).
 - Fêmea sem leite ou má produtora deste, sendo a sua qualidade ou quantidade insuficiente para as crias.
 - Partos múltiplos. Caso da fêmea parir duas ou mais crias e a sua capacidade leiteira e condição corporal não permitirem a amamentação de todas as crias.
 - Doença e debilitação da fêmea no período pós parto.
- Neste processo de adopção tem que se ter em conta um factor muito importante, que é saber quais os recém nascidos que passaram as primeiras horas de vida junto da mãe e que mamaram o colostro e aqueles que ficaram órfãos imedia-



tamente após o parto e não tiveram oportunidade de o fazer, sendo por isso indispensável a sua administração.

MÉTODOS DE ADOÇÃO

- As fêmeas que abandonam os filhos devem ser amarradas ou colocadas de forma a que não possam dar marmadas quando as crias tentam mamar.
- Utilização de compartimentos especializados (boxes de adopção).
- Algumas fêmeas apenas aceitam os seus filhos sendo estimulados os seus instintos maternos.
- Enquanto uma fêmea ainda está em trabalho de parto, pode-se esfregar um órfão nos seus fluidos placentários e possivelmente esta aceitá-lo-á como sendo seu filho.
- Fêmeas que perderam uma ou mais crias no parto podem ser persuadidas a aceitar um órfão se este e uma das suas crias forem mergulhados numa solução salina aquecida.
- Lavar a zona perianal do órfão com um líquido de cheiro bastante intenso e, em simultâneo esfregar as narinas da fêmea com o mesmo produto.
- Utilização de tranquilizantes que ajudam a que quando a fêmea acorde aceite a cria a adoptar.
- Atar o órfão e a cria da fêmea adoptiva por uma perna de modo a que eles não se possam separar, sendo a fêmea obrigada a aceitar os dois.
- Se uma fêmea perder o seu próprio filho pode-se vestir o órfão com a pele do jovem falecido, tendo o cuidado de lhe deixar a cauda pois esta apresenta-se como uma das principais zonas de identificação da cria pela mãe. Se a causa da morte do recém-nascido for desconhecida, este método não deve ser utilizado por pôr em risco a vida do órfão (meio de transmissão de doenças).
- Vestir um casaco de lã ao recém-nascido aceite e após este ter adquirido um cheiro característico transferi-lo para o órfão a adoptar.
- Molhar o dorso do órfão com leite ou urina da fêmea adoptiva e deixá-los isolados.
- Isolar a fêmea e prender-lhe a cabeça obrigando-a a aceitar a presença do órfão, uma vez que assim ela não vê o recém-nascido e não o pode agredir quando este se aproxima do úbere para mamar.
- Quando todas estas tentativas de adopção não dão bons resultados e a rejeição por parte da fêmea é definitiva, então deve-se recorrer ao aleitamento artificial.

ALEITAMENTO ARTIFICIAL DE BORREGOS E CABRITOS

- A rentabilidade de um efectivo ovino e caprino deve basear-se na adequada gestão da sua exploração, pelo que devem ser usadas todas as técnicas que possam contribuir decisivamente para aumentar os lucros do criador. É o caso do aleitamento artificial, que pode ser introduzido tanto em explorações leiteiras como nas vocacionadas para a produção de carne.
- O aleitamento artificial pode ser utilizado quando surgem órfãos – por morte da mãe ou por rejeição – partos múltiplos (acima da capacidade leiteira da mãe), filhos de mães mamíticas. Também se usa quando se pretende o aproveitamento total do leite de um efectivo, para posterior transformação em queijo.
- O leite artificial é normalmente fabricado a partir de leite de vaca desidratado, que é comercializado em pó. Antes da administração é reconstituído com água. Também se pode recorrer ao leite em natureza de outras espécies pecuárias, como é o caso do leite de vaca.

VANTAGENS DO ALEITAMENTO ARTIFICIAL

- Aumentar o leite disponível para venda ou fabrico de queijo, desde os cinco dias após o parto até à seca-gem.
- Acelerar o ritmo de crescimento com o conseqüente aumento do ganho diário de peso vivo e desmame precoce das crias.
- Recuperar todos os animais que por falta de leite das mães ou outras causas pontuais, estariam condenados à morte.
- Baixar os custos de produção uma vez que os substitutos do leite são mais baratos do que o próprio leite materno.
- Permitir uma maior intensificação reprodutiva, pois favorece o aparecimento mais precoce do cio, o que favorece o aumento do número de crias produzidas.

INCONVENIENTES DO ALEITA- MENTO ARTIFICIAL

- Necessidade de instalações e equipamento apropriados, inclusive um frigorífico ou uma arca produtores de gelo.



- Quando os recém-nascidos não mamaram colostro temos de o fornecer de um modo voluntário ou forçado.
- Pessoal treinado, com bastante paciência e dedicação para ensinar os borregos e os cabritos a mamar.
- Desinfecção e limpeza cuidadas das instalações e do material.

DISPOSITIVOS

- Para a prática do aleitamento artificial podem-se utilizar os seguintes dispositivos, em função do número de crias e do espaço disponível:
 - Biberão individual. Com poucos animais e para administração de colostro.
 - Baldes de plástico com tetinas em volta da sua base. Permite alimentar vários animais ao mesmo tempo. As tetinas devem ser colocadas à altura de cerca de 50 cm.



- Tetinas dispostas ao longo de uma barra. Há um depósito que

alimenta as tetinas que podem conter leite para vários dias, sendo a alimentação conforme a vontade do animal.

- Baterias com jaulas individuais. Os animais estão separados e faz-se o aleitamento por um biberão com a dose adequada a cada um. É um sistema caro e que implica maior mão-de-obra.
- Máquina automática. Permite sucessivas doses de leite, à medida que este vai sendo consumido. Tem um recipiente para o leite em pó e um misturador que prepara o leite. Poupa mão-de-obra, mas o equipamento é dispendioso.

REGRAS A SEGUIR:

- Os animais são retirados das mães 12 a 24 horas após o nascimento.
- Devemo-nos certificar que ingeriram colostro, e se tal não for possível (morte da mãe ou úbere seco) deve-se dar ao recém-nascido colostro de outra fêmea do rebanho, que tenha parido recentemente ou colostro previamente congelado.
- Colocam-se os animais num compartimento aquecido com lâmpadas de infravermelhos e abrigado de correntes de ar. A cama deve estar sempre seca e limpa.



- Os recém-nascidos não se devem juntar a outros mais velhos para evitar a concorrência dos mais fortes sobre os mais fracos. Havendo em cada grupo somente um animal mais velho para estimular a aprendizagem.
 - Deixar o animal passar fome durante 3 a 4 horas, porque este, estando esfomeado, aprende mais depressa a mamar.
 - A partir dos 10-15 dias começar a fornecer alimentos sólidos (feno e concentrados).
 - Ter sempre água limpa e sais minerais à disposição.
- Impedir que os constituintes do leite se separem (principalmente a gordura, que tende a ficar à superfície e agarrada às paredes do recipiente);
 - Prevenir contra a sobrealimentação, pois o leite frio é pouco convidativo à ingestão excessiva.

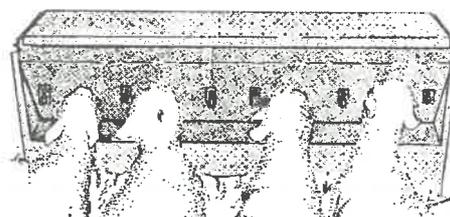
QUANTIDADE DE LEITE E DURAÇÃO DO ALEITAMENTO

- Deve-se fazer o aleitamento durante 4 a 5 semanas, nas quais cada animal consome 7 a 8 kg de leite em pó. Deste modo cada um bebe cerca de 1 litro de leite por dia.
- No final do aleitamento os borregos e os cabritos já deverão ter um peso vivo que os torne aptos para a recria à base de alimentos grosseiros e de concentrados.

PREPARAÇÃO DO LEITE

- Ao leite em pó deve-se juntar água nas quantidades recomendadas pelo fabricante. Primeiro junte uma pequena quantidade de água quente para dissolver bem o pó e depois junte água fria até atingir o volume de leite pretendido.
- O leite deve ser arrefecido até aos 4°C (temperatura interior do frigorífico) e administrado a esta temperatura. Há três razões principais que justificam esta prática:

- Evitar que o leite azede;



COLOSTRO

- O colostro resulta da secreção do úbere no final da gestação e no período após o parto.
- Por vezes o colostro é confundido com leite estragado e deitado fora, dado o seu aspecto cremoso e cor amarelada.
- Constitui o primeiro alimento das crias após o parto.

PAPEL DO COLOSTRO

- O colostro é fundamental na capacidade de sobrevivência dos jovens.
- Deve ser ingerido pelas crias o mais rapidamente possível após o parto.
- Fornece rapidamente uma **proteção imunitária** eficaz, dado conter anticorpos contra possíveis problemas infecciosos. Os anticorpos só são absorvidos pela parede intestinal, sem degradação, nas primeiras 24 horas após o nascimento.
- Fonte importante de **nutrientes**. Nos primeiros dias de vida a sobrevivência e viabilidade dos recém-nascidos dependem dos nutrientes disponíveis.
- Possui papel importante no desencadear do funcionamento do intestino,

actuando como **laxante** e ajudando à libertação das primeiras fezes (mecónio).

CONSERVAÇÃO DO COLOSTRO

- Durante a época de partos, e para ocorrer a casos urgentes, deve-se armazenar, no frigorífico, algum colostro ordenhada às fêmeas. Este colostro irá conservar-se durante algumas semanas.
- Para conservação a mais longo prazo o criador deve ter sempre no seu congelador uma reserva de colostro, em doses individuais, para cada uma das espécies criadas. As embalagens, que poderão ser de plástico, devem ter inscrito a data de recolha.
- Só deve descongelar o colostro que vai ser administrado. O descongelamento deve ser lento, colocando as embalagens em banho-maria, até atingir a temperatura corporal dos recém-nascidos.
- Nunca deverá voltar a congelar as sobras de colostro. Deve optar por eliminá-las.

ADMINISTRAÇÃO DE COLOSTRO

- Quando o recém-nascido não mama o colostro da própria mãe este tem de lhe ser administrado nas horas mais próximas após o parto.
- Quando o recém-nascido não manifesta o reflexo da sucção o colostro deve ser administrado através de uma sonda estomacal.
- Várias são as situações que impedem a cria de mamar o colostro da mãe, tais como: rejeição da mãe, tetos obstruídos, ou quando a cria está demasiado fraca para mamar.
- O colostro, se possível deve ser retirado da mãe ou de outra fêmea que conviva com esta.
- Pode-se recorrer ao colostro de bovino, ainda que nestes casos a imunidade conferida ao jovem seja relativamente reduzida.
- A administração de colostro no Inverno, quando as temperaturas são mais baixas, tem que ser mais rápido que no Verão, porque as reservas corporais de tecido adiposo são mais facilmente esgotadas, podendo o jovem entrar em hipotermia.
- A hipotermia é uma causa de grandes perdas de crias durante as primeiras horas de vida, principalmente quando a temperatura

ambiental é baixa. A situação torna-se mais preocupante quando as temperaturas baixas estão associadas a ventos fortes.

RAÇA DE CAPRINOS BRAVIA



1 – Designações

- Cabra Bravia
- Cabra Brava (em oposição à Ser-rana)
- Cabra da Serra (local de criação)

Fêmeas:

- Pinarras ou Pinheiras (cornos erectos, alusão ao aprumo dos pinheiros)
- Reixeleiras ou Chiborras (com cornos semelhantes aos dos bodes)

Machos:

- Reixelos ou Chibos

2 – Descrição

- **Cabeça:** seca, triangular, com cornos (cabras - pequenos, finos e ligeiramente curvados para trás e em forma de sabre ou erectos; bodes – grandes, ligeiramente espiralados, para cima e para fora), orelhas médias, horizontais e dirigidas para a frente, barbicha nos bodes e em algumas cabras.
- **Pescoço:** comprido e fino.
- **Tronco:** pouco desenvolvido, linha dorso-lombar recta, garupa descaída e pouco desenvolvida.
- **Úbere:** reduzido e com tetos pequenos.

- **Membros:** curtos, finos, com articulações salientes e unhas resistentes.
- **Pelagem:** pelos curtos nas cabras, mais compridos e ásperos nos bodes.
- **Coloração:** variável. Geralmente castanha, com tonalidades mais escuras ao longo do dorso, ventre e extremidades dos membros; ou mais claras no ventre. No Gerês as cores preta e parda são frequentes. Muitos animais são malhados.
- **Peso vivo:** 25 a 40 kg nas cabras e 35 a 50 kg nos bodes.

3 – Área geográfica

Esta raça concentra-se na Área do Parque Natural do Alvão e do Parque Nacional da Peneda Gerês.

Concelhos de Ribeira de Pena, Mondim de Bastos, Terras do Bouro, Montalegre, Vila Real, Vila Pouca de Aguiar, Arcos de Valdevez, Cabeceiras de Basto e Ponte da Barca.

4 – Sistemas de Exploração



- Extensivo com utilização de pastoreio de percurso, condução dos animais pelos montes e retorno à corte todos os dias.
- No Verão os animais pastam durante 12 horas e no Inverno 5 horas.



- O pastoreio pode ser individual ou colectivo em vezeira ou vigia. A **vezeira** é uma forma de pastoreio tradicional em que vários rebanhos da mesma aldeia são pastoreados em conjunto. O número de dias que cada pastor guarda o rebanho da aldeia é determinado pelo tamanho do seu próprio rebanho.
- Os animais permanecem nas cortes todo o dia quando o tempo, a tenra, a idade ou a debilidade física os impedem de sair.
- Nas cortes é-lhes fornecido: feno palha, erva, ramas de vidoeiro, salgueiro, carvalho, castanheiro, sobreiro, cerdeira, freixo, medronheiro, videira e urze e fetos secos.
- A suplementação só é feita em casos muito pontuais, cabras muito fracas, pós-parto, com produtos da exploração: centeio, milho, couves e nabos.
- Dimensões do rebanho: 75 a 200 cabeças. Rebanhos com menor dimensão estão normalmente integrados em vezeiras.
- Os bodes acompanham a cabrada todo o ano, pelo que não há uma época de partos fixa. No entanto, há uma concentração dos partos nos meses de Novembro a Março.
- Os pastores utilizam 1 bode para 20 a 40 cabras.
- Os bodes permanecem no rebanho até aos 3 a 4 anos de idade, e as cabras 8 a 10 anos.
- As chibas são coberta pela primeira vez aos 8 meses de idade.
- Os cabritos não acompanham o rebanho, permanecendo na corte. Alimentam-se de leite materno, em dois períodos do dia: antes da saída das mães para o pastoreio e à sua chegada. A partir de mês e meio de idade é-lhes fornecido alimento sólido, ramas de árvores e arbustos e grão de milho moído. Aos 2 a 3 meses, começam a sair em grupo separados do restante efectivo.

- As cortes são geralmente em granito e situam-se no andar térreo das habitações ou em casas velhas com fracas condições de arejamento, luminosidade, humidade, higiene e de manejo. As camas são constituídas por matos, tojo e fetos, e alguma palha. Servem depois para estrumar as hortas e os campos de milho e centeio antes das sementeiras.

5 - Características Produtivas

- Alimenta-se só de pastoreio, produzindo um cabrito por ano, estes cabritos são vendidos aos 4 a 6 meses e pesam 5 a 11 kg de carcaça.
- As cabras parem pela primeira vez entre os 13 meses aos 2 anos.
- Índices reprodutivos e produtivos, da ANCABRA (2002):
 - Prolificidade 1,23
 - Peso aos 10 dias: 3,0 kg
 - Peso aos 30 dias: 4,8 kg
 - Peso aos 45 dias: 5,9 kg
 - Crescimento entre os 10 e os 30 dias: 90 gramas por dia
 - Crescimento entre os 30 e os 45 dias: 75 gramas por dia

Produtos com nomes protegidos:

Cabrito de Barroso IGP

Cabrito das Terras Altas do Minho IGP

6 - Desenvolvimento e Melhoramento

- Raça reconhecida pelo Estado Português em 1987.
- Em 1994, foi constituída a Associação Nacional de Criadores de Cabra Bravia (ANCABRA).
- Em 1998 foi iniciado o Registo Zootécnico, da Raça estando até à data inscritas 8900 fêmeas adultas inscritas.
- A Cooperativa de Produtores de Cabrito Bravio (ABRAVIA) apoia a Comercialização.



RAÇA DE CAPRINOS SERRANA



1 – Descrição

- **Cabeça:** grande, comprida, perfil subcôncavo, frente ampla e ligeiramente abaulada, face triangular, chanfro largo e rectilíneo, focinho fino, boca pequena e lábios finos, orelhas curtas e horizontais, cornos de secção triangular, rugosos, dirigidos para trás em forma de sabre.
- **Pescoço:** comprido, mal musculado, bordos rectilíneos com ou sem brincos.
- **Tronco:** linha dorso-lombar quase recta ou ligeiramente oblíqua, garupa descaída, cauda curta e arrebitada.
- **Úbere:** bem desenvolvido, globoso, tetos pequenos e cónicos.
- **Extremidades:** finas, resistentes, com unhas pequenas e rijas.
- **Pelagem:** única raça caprina autóctone de pelos compridos.
 - **Pelagem preta:** ecótipos da Serra e Ribatejano
 - **Pelagem castanha escura:** ecótipo Ribatejano
 - **Pelagem castanha:** ecótipo Jarmelista
 - **Pelagem ruça:** ecótipo Transmontano
 - **Cabos pretos:** ecótipos da Serra e Transmontano

○ **Cabos castanhos:** ecótipos Jarmelista e Ribatejano

○ As cabras do Jarmelo apresentam duas listas na face de cor castanha mais clara que a pelagem.

- **Peso vivo:** 35 a 45 kg nas cabras.

2 – Área geográfica

- **Ecótipo Transmontano:** Interior Norte de Portugal, em 8 concelhos do distrito de Bragança e 2 concelhos do distrito de Vila Real. Função carne/leite.
- **Ecótipo Jarmelista:** concelhos da Guarda. Função leite.
- **Ecótipo Ribatejano:** região do Ribatejo e Oeste. Função leite.
- **Ecótipo da Serra:** *em vias de extinção*, existem alguns animais dispersos em rebanhos de ovinos na Serra de Estrela.

3 – Sistemas de Exploração



- **Ecótipo Transmontano:** sistema extensivo tradicional, com rebanhos de 80 cabeças, sem cobertura controlada, com partos ao longo do ano, com pastoreio de percurso diário, sem suplementação alimentar. No Inverno pode pastar algumas ferras. Os cabritos só se alimentam do leite



materno e são abatidos entre as 6 e as 8 semanas.

- **Ecótipo Jarmelista:** sistema extensivo melhorado, com rebanhos de 45 animais, com cobertura controlada por monta natural, um parto anual em Setembro/Outubro, com pastoreio de percurso em região montanhosa, com alguma suplementação alimentar no estábulo. Os cabritos só se alimentam do leite materno e são abatidos entre as 4 e as 8 semanas.
- **Ecótipo Ribatejano:** sistema extensivo com recurso a subprodutos de várias culturas, com rebanhos de 100 animais, com cobertura controlada por monta natural, um parto anual em Setembro/Outubro, com suplementação alimentar no estábulo. Os cabritos só se alimentam do leite materno e são abatidos entre as 4 e as 8 semanas. Algumas explorações apresentam sala de ordenha mecânica.

- Peso médio de abate dos cabritos, aos 45 dias, entre os 7,5 e os 8 kg.
- Rendimento em carcaça entre os 55 e os 62%.
- Venda mais favorável no Natal, Páscoa e no mês de Agosto.
- Produção de leite:
 - 108 litros em 150 dias no ecótipo Transmontano.
 - 110 litros no Jarmelo.
 - 200 litros em 150 dias no Ribatejo.
- Parâmetros reprodutivos:
 - Fertilidade: 85 a 90%
 - Prolificidade: 1,56 a 1,8

Produtos com nomes protegidos:

Cabrito Transmontano DOP

Cabrito de Barroso IGP

Cabrito das Terras Altas do Minho IGP

Queijo de Cabra Transmontano DOP

5 - Desenvolvimento e Melhoramento



4 - Características Produtivas

- É uma raça de grande rusticidade.
- Vida produtiva que pode ultrapassar os 8 anos de idade.
- Tem facilidade nos partos.
- Três partos em dois anos no ecótipo Transmontano.

- Em 1990, foi constituída a Associação Nacional de Caprinicultores de Raça Serrana (ANCRAS).
- Em 1992 foi iniciada a gestão do Livro Genealógico da Raça Serrana, estando até à data inscritos 20 mil animais.

estando até à data inscritos 20 mil animais.

- Foram constituídas para gerir as Denominações de Origem a Cooperativa de Produtores de Leite de Cabra Serrana (LEICRAS) e a Cooperativa de Produtores de Cabrito de Raça Serrana (CAPRISSERRA).

RAÇA DE OVINOS CHURRA DA TERRA QUENTE



1 – Designações

- Terrincha

Resulta do encontro das raças Mondegueira e Badana e posterior mestiçagem e selecção, dando origem a uma população individualizada que, a partir do início do séc. XX, substituiu a quase totalidade do efectivo Badano.

2 – Descrição

- **Cabeça:** comprida, testa plana e com pequena poupa, chanfro comprido e convexo, cornos em ambos os sexos em espiral mais ou menos aberta. Orelhas de tamanho médio e horizontais.
- **Pescoço:** estreito, revestido de lã, com barbela nos machos.
- **Tronco:** peito estreito, região dorso lombar horizontal e de medidas transversais médias. Ventre volumoso, garupa ligeiramente descaída.
- **Úbere:** bem desenvolvido, globoso e com sulco mediano.
- **Membros:** finos, vigorosos, deslançados nas extremidades. Nádegas pouco desenvolvidas. Unhas rijas e pigmentadas.
- **Velo:** extenso, com madeixas compridas e pontiagudas, não reveste a

cabeça, a extremidade livre dos membros e por vezes a barriga.

- **Coloração:** branca.
- **Peso vivo:** 45 a 55 kg nas ovelhas e 60 a 80 kg nos carneiros.

3 – Área geográfica

Esta raça concentra-se na Terra Quente Transmontana e no Vale do Douro Superior.

4 – Sistemas de Exploração

- A dimensão média dos rebanhos situa-se entre as 100 e as 150 cabeças.
- Os ovinos pastoreiam os terrenos de cereais, pousios, olivais, amendoais, vinha, pastagens semeadas e em lameiros com pastagens semeadas.
- Os agricultores produzem fenos e palhas para suplementação em períodos de carência alimentar.
- Os ovinos são utilizados para a produção de leite e borregos. A lã é pouco valorizada.
- A reprodução é feita de um modo pouco controlado, utilizando por vezes a separação dos machos ou a utilização de aventais para melhor definição das épocas reprodutivas.
- As ovelhas são consideradas de ciclo éstrico não marcadamente sazonal.
- A principal época de cobrição coincide com o período pós tosquia (Primavera), para o consequente parto ocorrer entre Setembro e Novembro.
- O desmame ocorre entre os 30 e os 40 dias de idade, após o que se segue uma ordenha manual, com a utilização de leite para o fabrico de queijo.

5 - Características Produtivas

- Índices reprodutivos e produtivos, do COM (2002):

- Fertilidade 94,5%
- Prolificidade 1,57
- Idade ao 1º parto 15 meses
- Idade à puberdade 10 meses
- Peso aos 15 dias: 6,6
- Peso aos 30 dias: 10,8 kg
- Peso aos 45 dias: 14,1 kg
- Peso aos 60 dias: 16,8 kg
- Peso aos 90 dias: 21,2 kg

Produtos com nomes protegidos:

Borrego Terrincho DOP

Queijo Terrincho DOP

- Raça reconhecida pelo Estado Português em 1987.
- Em 1990, foi constituída a Associação Nacional de Criadores de Ovinos da Churra da Terra Quente (ANCOTEQ).
- Em 1991 foi iniciado o Registo Zootécnico da Raça estando até à data inscritas 56 mil fêmeas adultas inscritas, das cerca de 200 mil existentes.
- Foram constituídas para gerir as Denominações de Origem a Cooperativa de Produtores de Carne de Ovinos da Terra Quente (OVITEQ) e a Cooperativa de Produtores de Leite de Ovinos da Terra Quente (QUEITEQ).

6 - Desenvolvimento e Melhoramento





PRODUTOS COM NOMES PROTEGIDOS CONCEITOS E DEFINIÇÕES

AGRUPAMENTO GESTOR DO NOME PROTEGIDO:

- Organização constituída por produtores ou transformadores do produto agrícola ou do género alimentício cujo nome se pretende proteger.
- Gere o uso da Denominação de Origem Protegida, Indicação Geográfica Protegida ou do Certificado de Especificidade conforme legalmente lhe foi cometido.

ORGANISMO PRIVADO DE CONTROLO E CERTIFICAÇÃO (OPC):

- Entidade reconhecida legalmente como apta para efectuar as acções de controlo, sobre toda a fileira produtiva, necessárias à certificação dos produtos beneficiários da Denominação de Origem Protegida, Indicação Geográfica Protegida ou do Certificado de Especificidade.
- O **Organismo Privado de Controlo e Certificação** verifica, assim, se as normas do Caderno de Especificações são cumpridas, certifica os produtos e autoriza o uso da marca de certificação.



DENOMINAÇÃO DE ORIGEM PROTEGIDA (DOP):

- Nome de uma região, de um local determinado ou, em casos excepcionais, de um país, que serve para designar um produto agrícola ou um género alimentício:
 - Originário dessa região, desse local determinado ou desse país e
 - Cujas qualidade ou características se devem essencial ou exclusivamente ao meio geográfico, incluindo os factores naturais e humanos, e cuja produção, transformação e elaboração ocorrem na área geográfica delimitada.
- São igualmente consideradas denominações de origem certas denominações tradicionais, geográficas ou não, que designem um produto agrícola ou um género alimentício originário de uma região ou local determinado e que satisfaça as condições previstas na segunda travessão acima indicado.



INDICAÇÃO GEOGRÁFICA PROTEGIDA (IGP):

- Nome de uma região, de um local determinado ou, em casos excepcionais, de um país, que serve para designar um produto agrícola ou um género alimentício:



- Originário dessa região, desse local determinado ou desse país e
- Cujas reputação, determinada qualidade ou outra característica podem ser atribuídas a essa origem geográfica e cuja produção e/ou transformação e/ou elaboração ocorrem na área geográfica delimitada.



ESPECIALIDADE

TRADICIONAL GARANTIDA (ETG):

- Produto agrícola ou género alimentício produzido a partir das matérias-primas tradicionais, ou com uma composição tradicional ou um modo de produção e/ou de transformação que dependa do tipo de produção e/ou de transformação tradicional e que seja reconhecido como tal, conforme regulamentarmente previsto, através da obtenção de um **Certificado de Especificidade (CE)**.

DENOMINAÇÃO DE ORIGEM (DO) E

INDICAÇÃO GEOGRÁFICA (IG):

- Solução legal para identificar denominações que, reconhecidos a nível nacional, aguardam pelo reconhecimento e protecção a nível da União Europeia.

QUANDO SE CONSEGUE QUE UMA DENOMINAÇÃO DE ORIGEM OU UMA INDICAÇÃO GEOGRÁFICA SEJAM RECONHECIDAS COMO TAL, ESTAS DENOMINAÇÕES FICAM, AO NÍVEL NACIONAL E COMUNITÁRIO, PROTEGIDAS CONTRA:

- Qualquer utilização comercial directa ou indirecta de uma denominação registada para produtos não abrangidos pelo registo, na medida em que esses produtos sejam comparáveis a produtos registados sob essa denominação, ou na medida em que, essa utilização explore a reputação da mesma.
- Qualquer usurpação, imitação ou evocação, ainda que a verdadeira origem seja indicada ou que a denominação protegida seja traduzida ou acompanhada por termos como "género", "tipo", "método", "imitação", "estilo" ou expressão similar.
- Qualquer outra indicação falsa ou falaciosa quanto à proveniência, origem, natureza ou qualidades essenciais dos produtos, que conste do acondicionamento ou da embalagem, da publicidade ou dos documentos relativos aos produtos em causa, bem como a utilização para o acondicionamento de recipientes susceptíveis de criarem uma opinião errada sob a origem do produto.
- Qualquer outra prática susceptível de induzir o público em erro quanto à verdadeira origem do produto.



APRESENTAÇÃO DOS RESULTADOS POR
PRODUTO OVINO E CAPRINO COM NOME PROTEGIDO (2001)

	QUEIJOS	CARNE DE OVINO	CARNE DE CAPRINO
Genérico (Estatísticas Agrícolas do INE)	<ul style="list-style-type: none"> • Produção nacional de queijos curados: <ul style="list-style-type: none"> ○ 62 mil T (em 2001). 	<ul style="list-style-type: none"> • Produção nacional, em peso limpo, de carne ovina: <ul style="list-style-type: none"> ○ 22 mil T (em 2001). • Abates de borregos aprovados para consumo, na categoria de <10 kg: <ul style="list-style-type: none"> ○ 474 mil cabeças e 3 mil T. ○ Peso médio da carcaça de 6,3 kg. 	<ul style="list-style-type: none"> • Produção nacional, em peso limpo, de carne caprina: <ul style="list-style-type: none"> ○ 1784 T (em 2001). • Abates de cabritos aprovados para consumo: <ul style="list-style-type: none"> ○ 126 mil cabeças e 689 T. ○ Peso médio da carcaça de 5,5 kg.
	<ul style="list-style-type: none"> • Grau de auto-aprovisionamento: <ul style="list-style-type: none"> ○ 81%. • Consumo per capita: <ul style="list-style-type: none"> ○ 10 kg, com tendência de aumento nos últimos anos. 	<ul style="list-style-type: none"> • Grau de auto-aprovisionamento: <ul style="list-style-type: none"> ○ 67,6%. • Consumo per capita: <ul style="list-style-type: none"> ○ 3,7 kg de carne de ovino e caprino. • Épocas de maior consumo de carne de ovino e caprino: <ul style="list-style-type: none"> ○ Páscoa, Natal e o período dos Santos Populares (Junho e Julho). 	
Produção dos produtos com nome protegido	<ul style="list-style-type: none"> • A produção em 2001 atingiu 1523 T, tendo vindo a aumentar. • Este valor representa 2,4% da produção nacional de queijos curados. • Os queijos fabricados com leite de vaca contribuem com 64% do total da produção de queijos com DOP, embora sejam apenas 2, num total de 14 queijos. 	<ul style="list-style-type: none"> • Os borregos comercializados dividem-se em duas categorias, com base no peso das carcaças: até 7 kg e >7 a 13 kg, com respectivamente 6% e 94% da produção total em 2001. • Em 2001, a produção de carne de borrego com nomes protegidos representava 0,9% da quantidade total de carne de ovinos e cerca de 6,8% da carne de borregos abatidos e aprovados para consumo, na categoria de <10 kg (carcaça). 	<ul style="list-style-type: none"> • O peso médio das carcaças de cabrito com nomes protegidos foi de 4,0 kg em 2001, principalmente devido ao reduzido peso médio de Cabrito de Barroso. • Cabrito Transmontano destacou-se com 48% da produção destas carnes de caprino. • A carne de cabritos com nomes protegidos em 2001 representava cerca de 0,8% da produção total de carne de caprinos do País e cerca de 2,0% da quantidade de carcaças abatidas e aprovadas para consumo.
Preços:	<ul style="list-style-type: none"> • Os preços referentes aos queijos de leite de ovelha variaram de 10 a 19 €/kg, os de leite de ovelha e cabra de 8 a 19 €/kg e os de leite de vaca de 5 a 5,33 €/kg. • Na maior parte dos casos, as diferenças entre os preços dos queijos com DOP e os congéneres produzidos na mesma região situaram-se entre os 13% e os 24%. 	<ul style="list-style-type: none"> • As informações recolhidas indicam que o diferencial de preços ao produtor (não estão incluídos os custos de transacção - ex: recolha/transporte, promoção...outros - e de certificação. Estes custos são suportados pelos agrupamentos), entre as carnes de borrego com nomes protegidos e outras carnes de borrego produzidas na mesma região se situou entre 10% e 20%. 	<ul style="list-style-type: none"> • Para o Cabrito das Terras Altas do Minho, a relação entre os preços ao produtor (não estão incluídos os custos de transacção - ex: recolha/transporte, promoção...outros - e de certificação. Estes custos são suportados pelos agrupamentos.) das carnes de cabrito com nome protegido e outras produzidas na região, foi de 6%.



<p>Comercialização:</p>	<ul style="list-style-type: none"> • O maior número de queijos com nomes protegidos foi principalmente comercializado pelos respectivos produtores. Contudo, se analisados na sua globalidade e em termos de quilos, a maior quantidade foi comercializada através de agrupamentos (51%), devido à ponderação do Queijo São Jorge, seguindo-se os produtores individuais (43%) e outros (6%). • Efectuaram-se 65% das vendas para fora dos concelhos de produção, 34% dentro dos referidos concelhos e 1 % foi para exportação. • A promoção destes queijos foi feita fundamentalmente através de Feiras e da Imprensa. 	<ul style="list-style-type: none"> • Estas carnes de borrego foram totalmente comercializadas através dos agrupamentos. Na generalidade, as vendas destas carnes efectuaram-se principalmente em áreas exteriores aos concelhos de produção respectivos (78%). • Não foram referidas exportações por parte dos agrupamentos/produtores. • Os meios de promoção mais utilizados continuam a ser as Feiras e a Imprensa. 	<ul style="list-style-type: none"> • Em 2001, 87% destas carnes foram comercializadas através dos agrupamentos, à primeira transacção, e 13% (Cabrito das Terras Altas do Minho) através de uma cooperativa. • Por outro lado, 49% das carnes de caprino com nomes protegidos foi vendida fora dos concelhos de produção e áreas limítrofes e 51 % foi vendida no interior dos respectivos concelhos de produção, com um peso determinante no caso de Cabrito Transmontano (100%). • Não se registaram exportações a partir dos agrupamentos. • As Feiras e a Imprensa são os meios de promoção mais utilizados.
<p>Modalidades de escoamento:</p>	<ul style="list-style-type: none"> • As duas principais formas de escoamento, à primeira transacção, para o conjunto destes queijos foram as Grandes Superfícies (44%) e os Intermediários (41%). • A situação em termos individuais apresenta contudo variações: assim os Intermediários foram mais importantes nos casos do Queijo Terrincho. Queijo de Cabra Transmontano, Queijo Serra da Estrela, Queijo de Nisa e Queijo São Jorge; o Comércio tradicional prevaleceu para o Queijo Rabaçal e o Queijo do Pico e nos restantes casos predominaram as Grandes Superfícies. 	<ul style="list-style-type: none"> • À primeira transacção, as Grandes Superfícies escoaram 90% da quantidade total destas carnes. Contudo, a Restauração predominou para o Cordeiro de Barroso (50%) e Cordeiro Bragançano (90%); por outro lado a modalidade Grossistas foi preponderante no caso do Borrego Terrincho (98%).□ 	<ul style="list-style-type: none"> • Em relação ao ano anterior, verificaram-se modificações na ordem de importância das modalidades de escoamento, passando a liderar a Restauração (41%), seguida dos Talhantes (26%), ao inverso da situação anterior. • Recorde-se que em 1999 as modalidades mais representativas foram as Grandes Superfícies (60%) e Outros (17%).
<p>Condicionantes da produção:</p>	<ul style="list-style-type: none"> • O factor condicionante da produção mais frequentemente referenciado continua a ser "os circuitos de comercialização", seguindo-se os "preços mais baixos dos queijos congéneres". 	<ul style="list-style-type: none"> • Os factores mais frequentemente referidos como tendo condicionado a produção destas carnes em 2001 foram as limitações dos circuitos de comercialização e os mais baixos preços da carne corrente de ovino.□ 	<ul style="list-style-type: none"> • Em 2001, a produção foi essencialmente condicionada pelas insuficiências dos circuitos de comercialização e pelos preços das carnes similares sem nomes protegidos, segundo a opinião dos agrupamentos.

LIVRO DE REGISTOS DE EXISTÊNCIAS E DESLOCAÇÕES DE OVINOS E CAPRINOS



Os detentores de ovinos e caprinos devem manter registos actualizados:

- Registrar mensalmente os movimentos de entrada e saída de animais na exploração com base em conjuntos deslocados.
- Conter um assento actualizado do número de fêmeas presentes na exploração com mais de 12 meses ou que tenham parido antes dessa idade.
- Registrar as existências globais relativas a 1 de Janeiro de cada ano.

Em substituição ao livro de registos de existências e deslocações de ovinos e

caprinos, poderá possuir um sistema informático com segurança de registo equivalente, desde que autorizados pela DGV ou DRA.

- Instruções de preenchimento:

a) REFERENTE A: MÊS _____ ANO _____

Nº ANO MÊS DIA

b) ANIMAIS EXISTENTES.

c) Nº DE FÊMEAS EXISTENTES JÁ PARIDAS

1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12	13	14	15	16	17	18	19	20	21	22	23	24	25	26	27	28	29	30	31
---	---	---	---	---	---	---	---	---	----	----	----	----	----	----	----	----	----	----	----	----	----	----	----	----	----	----	----	----	----	----

d)

ENTRADAS				SAÍDAS			
1) DOCUMENTO Nº / DATA EMISSÃO	2) MARCA DA INSERÇÃO DE OBLIGERE	5) Nº DE ANIMAIS ENTRADOS / DATA	3) Nº DE ANIMAIS SAÍDOS / DATA EMISSÃO	1) DOCUMENTO Nº / DATA EMISSÃO	4) Nº DE ANIMAIS SAÍDOS / DATA EMISSÃO	PARA ABATE	3) Nº DE ANIMAIS SAÍDOS / DATA

- a) Deverá ser preenchido o mês e ano a que se refere os elementos.
- b) Neste espaço deverá ser inscrito o número total de animais existentes em data a indicar e futuramente no dia 1 de Janeiro de cada ano. Estes

dados repetir-se-ão em cada documento mensal.

c) Este espaço, correspondente aos dias do mês, destina-se ao registo actualizado das fêmeas.

Assim em cada dia do mês em que houver alterações da situação será registado o número de fêmeas que passa a estar presente.

Exemplo:

1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12	13	14	15	16	17	18	19	20	21	22	23	24	25	26	27	28	29	30	31
			52				4														50									

No dia 4 existiam na exploração 52 fêmeas com mais de 12 meses ou que pariram antes desta idade, no dia 8 morreram 3 e no dia 22 pariu uma com 10 meses.

d) Este quadro é destinado ao registo dos movimentos dos ovinos e caprinos no mês a que se refere o documento.

d.1) Nestas colunas registar-se-ão os números dos documentos (guias de circulação) que suportam os movimentos dos animais e as respectivas datas de emissão.

d.2) Nestas colunas registar-se-á a marca oficial da exploração de origem ou de destino dos animais consoante se trate de entradas ou de saídas.

d.3) Nestas colunas assinalar-se-á o número dos animais entrados/saídos e as datas de efectivação dos movimentos.

d.4) Coluna destinada à inscrição do Matadouro onde os animais vão ser abatidos.

NOTA: Sempre que a informação relativa a um determinado mês deixar, numa dada página, linhas em branco, o espaço ocupado por essas linhas deverá ser trancado (traço diagonal), de forma a inutilizá-la.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Anónimo, 2001. The Sheep Business. A Prime Lamb Production and Marketing Guide. NSW Agriculture CSIRO PUBLISHING, 71 pp.
- Azevedo, J. M. T. de, Machado, A. e Sampaio, V., 1984. Parques de manejo para gado ovino. Série Divulgação – construções rurais e condicionamento, IUTAD, Vila Real, 8: 8 pp.
- Azevedo, J. M. T. de, 1985. Contributo para o estudo dos sistemas de exploração ovina. Trabalho de síntese, apresentado para Provas de Aptidão Pedagógica e Capacidade Científica. IUTAD, Vila Real, 164 pp.
- Azevedo, J. M. T. de e Moreira, N., 1985. Potencial produtivo de uma pastagem semeada de sequeiro em Vila Real / Trás-os-Montes utilizada em pastoreiro por ovinos. Pastagens e Forragens, Soc. Port. de Pastagens e Forragens, Elvas, 6: 113-124.
- Azevedo, J. M. T. de, Raposo, N. e Almeida, V., 1988. Importância das cercas na criação ovina. UTAD, Vila Real, 22 pp. + anexo.
- Azevedo, J. M. T. de, 1994. Estudo dos factores biológicos da produção de carne ovina – situação em Trás-os-Montes. Tese de doutoramento. UTAD, Vila Real, i-xxv, 1-231 pp. + 87 pp. de anexos.
- Azevedo, J. M. T. de, Mascarenhas, M. A. D., Valentim, R., Almeida, J. C., Silva, S. R., Pires, S. A. e Teixeira, M. C., 1994. Preservação e valorização dos ovinos da raça Churra da Terra Quente. Relatório final do Projecto PAN I da Associação Nacional de Criadores de Ovinos da Churra da Terra Quente, Torre de Moncorvo, i-vii, 1-212 pp. + 4 mapas anexos.
- Azevedo, J. M. T. de e Almeida, V., 1995. Importância das cercas na criação ovina. Pastagens e Forragens, Soc. Port. de Pastagens e Forragens, Elvas, 16: 97-108.
- Barbosa, J. C., 1993. Pastores, rebanhos de ovinos e pastoreio- Que futuro para o sistema tradicional de exploração? UTAD, Vila Real.
- Battaglia, R. A., 2001. Handbook of Livestock Management. 3ª Edição.
- Bougler, J. e Tisserand, J. L., 1990. Les petits ruminants et leurs productions laitières dans la région méditerranéenne. N° A12 in series "Options Méditerranéennes" of the International Centre for Advanced Mediterranean Agronomic Studies (CIHEAM), 128pp.
- Butterfield, R., 1988. New concepts of sheep growth. The Department of Veterinary Anatomy. University of Sydney, 184pp.
- Buxadé, C., 1996. Produccion Ovina Tomo VIII. Zootecnia- Bases de Produccion Animal., Ediciones Mundi-Prensa, Madrid.
- Buxadé, C., 1996. Produccion Caprina Tomo IX. Zootecnia- Bases de Produccion Animal., Ediciones Mundi-Prensa, Madrid.
- Chilliard, Y., Bocquier, F. e Doreau, M., 1998. Digestive and metabolic adaptations of ruminants to undernutrition, and consequences on reproduction. Reproduction, Nutrition et Développement, 38: 131-152.

- Coleby, P., 2000. Healthy Sheep Naturally. Landlinks Press. Second Edition.
- Dyrmundsson, R. e Thurgerisson, S., 1989. Reproduction, Growth and Nutrition in Sheep. Agricultural Research Institute and Agricultural Society of Iceland. Reykjavík, Iceland.
- Fayez, I., Marai, M. e Owen, J. B., 1987. New Techniques in Sheep Production. Butterworth. London, 292 pp.
- Fell, H., 1985. Intensive Sheep Management 2nd edition, 256 pp.
- Freer, M. e Dove, H., 2002. Sheep Nutrition. New York, Cab International Publishing, 400 pp.
- Hunsley, R. E., 2001. Livestock Judging, Selection and Evaluation. 5^a Edição.
- Mowlem, A., 1988. Goat Farming. Farming Press Books, Wiltshire, UK, 192pp.
- Outor-Monteiro, D., Mestre, R. B., Fontes, A. S. e Azevedo, J. M. T. de, 2005. A Raça Caprina Bravia. Interreg IIIA, Douro-Duero. UTAD, Vila Real, 9 pp.
- Outor-Monteiro, D., Mestre, R. B., Fontes, A. S. e Azevedo, J. M. T. de, 2005. A Raça Caprina Serrana. Interreg IIIA, Douro-Duero. UTAD, Vila Real, 9 pp.
- Outor-Monteiro, D., Mestre, R. B., Fontes, A. S. e Azevedo, J. M. T. de, 2005. A Raça Ovina Churra da Terra Quente. Interreg IIIA, Douro-Duero. UTAD, Vila Real, 10 pp.
- Outor-Monteiro, D., Mestre, R. B., Fontes, A. S. e Azevedo, J. M. T. de, 2005. A Raça Ovina Churra Galega Mirandesa. Interreg IIIA, Douro-Duero. UTAD, Vila Real, 12 pp.
- Outor-Monteiro, D., Mestre, R. B., Fontes, A. S. e Azevedo, J. M. T. de, 2005. A Raça Ovina Churra Galega Bragançana / O Cão de Gado Transmontano. Interreg IIIA, Douro-Duero. UTAD, Vila Real, 14 pp.
- Outor-Monteiro, D., Mestre, R. B., Fontes, A. S. e Azevedo, J. M. T. de, 2005. A Raça Ovina Churra Badana. Interreg IIIA, Douro-Duero. UTAD, Vila Real, 8 pp.
- Pacheco, L. F., Silva, J. S., Machado, G. e Azevedo, J. M. T. de, 1994. Diagnóstico de um sistema de produção de caprinos na região do Entre Douro e Minho. Revista Portuguesa de Zootecnia, Vila Real, 1 (1): 171-183.
- Pacheco, L. F., Azevedo, J. M. T. de e Santos, J., 1995. Determinação do potencial produtivo de ovinos e caprinos explorados na área de intervenção da ATAHCA. COPACA, 172 pp.
- Parker, R., 2001. The Sheep Book. A Handbook for the Modern Shepherd, Revised and Updated. Ohio University Press, 344pp.
- Porter, V. e Liphook, Hants., 2002. Mason's World Dictionary of Livestock Breeds, Types and Varieties. 5^a Edição.
- Slade, C. R. e Lawrence, T. J., 1990. New Developments in Sheep Production British Society of Animal Production, vi + 192 pp.
- Upton, J. e Soden, D., 1991. An Introduction to Keeping Sheep, 96pp.